

LEI DO PASSE O FUTEBOL BRASILEIRO NA MARCA DO PÊNALTI



a revista oficial do

são paulo

SUPER KAKÁ

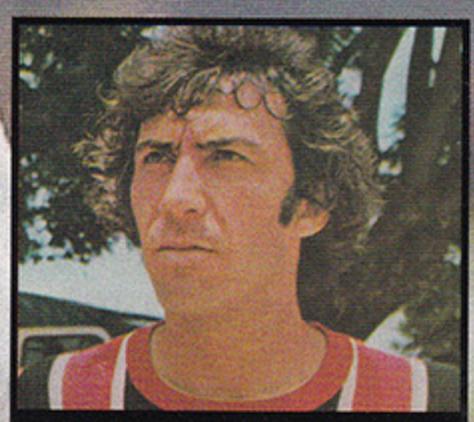
MAIS MÚSCULOS
MAIS FORÇA
MAIS EXPLOÇÃO



Nº 115 - RS4,50
00115
97714134691000



**ALESSANDRA
ISCATTENA**
Diz que é são-paulina
desde criancinha

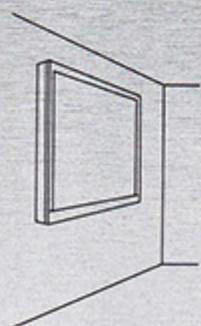


ALBERTO HELENA JR.
As revelações
de um tricolor bom
de papo

Por onde
anda **CHICÃO**,
o eterno deus
da raça?



É UMA ESPÉCIE DE TROFÉU.
SÓ QUE EM VEZ DE COLOCAR NA PRATELEIRA,
VOCÊ PÕE NA PAREDE.



Telas de plasma LG. Design inovador e a maior linha do mercado: 40", 42", 50" e 60", a partir de 7,8 cm de espessura. Alta definição de imagem. Formato 4x3 (convencional) e 16x9 (widescreen). Conexão para computador, vídeo, DVD, câmera, games e compatibilidade com TV digital.

www.lge.com.br

LG. DIGITAL POR VOCÊ.



Digitally yours

EXPEDIENTE

Presidente do Conselho Deliberativo

Luiz Cássio dos Santos Werneck

Vice-Presidente do Conselho

Deliberativo

Claudio Aidar

Presidente do Conselho Consultivo

Ives Gandra da Silva Martins

Presidente do Conselho Fiscal

Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Luiz Marcio Domingues Aranha

Conselho Editorial

Luiz Celso de Piratininga, José Acras,
Rui Branquinho e Fernando Portela

Jornalista Responsável

Carlos A. Bortole Mtb 29442

Colunistas

Agnelo Di Lorenzo (arquivo histórico)
e Paulo Planet Buarque

Editor

Carlos Mesquita

Secretária de redação

Ana Carolina Coutinho (textos e produção)

Colaboração

Andréa Longue, Cinthia Gagliardi, Ana
Paula Andrade, Francisco Santos, Igor
Amorim, Dorinho (charge), Juca Pacheco,
Mariana Souza e Juliana Welling

Produção

Ingrid Oldenburg (maquiagem) e Ana Fuccia

Reportagem

Fernando Savaglia

Fotógrafos

Rubens Chiri/Perspectiva e Tatyana Alves

Arte

Celso Andrade, Marco Basile,
Rogério C. Macadura

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo

Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01

Cep 05653 - 070

Telefone 0xx11 3749-8000

(Publicação Bimestral)

A Revista Oficial do São Paulo
é uma publicação da Diretoria
de Comunicações

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda

Fone: (0xx11) 3866-2770

Impresso pelo processo
direct-to-plate por Prol Indústria
Gráfica Ltda



Índice

04 Índice

06 Imagens

O golão de Luís Fabiano

contra o Santos

08 Alberto Helena Jr.

Uma entrevista deliciosa com um dos
maiores cronistas esportivos do Brasil

12 Por onde anda

Chicão sempre será lembrado como o Deus
da raça por sua garra e determinação

14 Contratações

Conheça os reforços para
a temporada 2003

18 Memorial

Os troféus das maiores conquistas
são-paulinas e a memória de nossas
personalidades reunidas num lugar
pra lá de especial

32 Lei do Passe

Como ficou o futebol depois do fim
da Lei do Passe? Conheça um pouco
mais sobre uma das questões mais
discutidas da atualidade

36 Paixão Tricolor

Alessandra Iscattena é São Paulo
Futebol Clube desde criança

38 Campeonato

A tabela dos jogos do Paulistão 2003,
mais Copa do Brasil e as partidas

que o SPFC fará no torneio nacional

44 Notícias do Tricolor

Novidades, Copa da Paz, festa de lança-
mento do novo uniforme, Paulo Planet...



Com o auxílio de um programador físico, desenvolvido pelo espaço de profissionais da medicina esportiva do SPFC, o maior craque tricolor atualmente ganhou 11 quilos de massa muscular, o que aproximadamente era o dobro de trabalho.

Por outro lado, a força física também é importante para o jogador. Um jogador que não tem força física não consegue jogar bem. É por isso que os jogadores são treinados para ganhar força física. Isso é feito através de exercícios de resistência e de força. O jogador também precisa ter uma boa técnica para poder jogar bem. É por isso que os jogadores são treinados para melhorar sua técnica. Isso é feito através de exercícios de técnica e de jogo. O jogador também precisa ter uma boa mentalidade para poder jogar bem. É por isso que os jogadores são treinados para melhorar sua mentalidade. Isso é feito através de exercícios de mentalidade e de jogo.

"Quando eu vejo que não ficar um pouco cansado, é a falta. Fazia um pouco mais de exercício. Nunca melhorou. Quando eu não posso mais, não faço mais exercício. Não sei mais o que fazer."

SUPER-KAKÁ

Força, agilidade, talento. É uma nova mentalidade

O futebol vem passando por sérias modificações. O desejo de vencer tem tornado os atletas mais fortes e, ao mesmo tempo, ágeis. O talento e a técnica já não podem ser características isoladas.

Kaká, o maior astro são-paulino da atualidade, é um exemplo dessa tese. Talentoso por natureza, o jovem camisa oito do Tricolor começou a se destacar assim que subiu para o profissional, no ano de 2001. Sua habilidade, como era esperado, rapidamente falou mais alto.

Quando os times adversários descobriram o perigo que o meia representava às suas defesas, seus zagueiros passaram a marcá-lo de forma mais severa, chegando, muitas vezes, a usar de violência. Naquele momento, foi a vez de a moderna medicina esportiva do São Paulo Futebol Clube entrar em campo. Um grupo de profissionais passou a dedicar-se a um rigoroso programa que deveria dar ao craque da equipe tricolor uma estrutura física mais robusta. Ele, realmente, precisava suportar as pancadas que o perseguiram por todos os lados durante as partidas. Após um ano e meio seguindo à risca o tratamento, Kaká ganhou 11 quilos de músculos. Ao contrário do que muitos possam imaginar, não ficou nenhum pouco mais lento. Pelo contrário: está ainda mais rápido e com uma explosão que vai deixar muito marcador batendo cabeça.

Com disciplina e profissionalismo, o super-Kaká, sem perceber, deu início a uma nova cultura no futebol tricolor. Depois dos resultados positivos, inúmeros atletas têm procurado os profissionais da medicina esportiva para fazerem esse mesmo programa. É o início de uma nova era. E todos os são-paulinos esperam que ela proporcione muitos títulos à nossa imensa nação.

EQUILÍBRIO DE FORÇAS

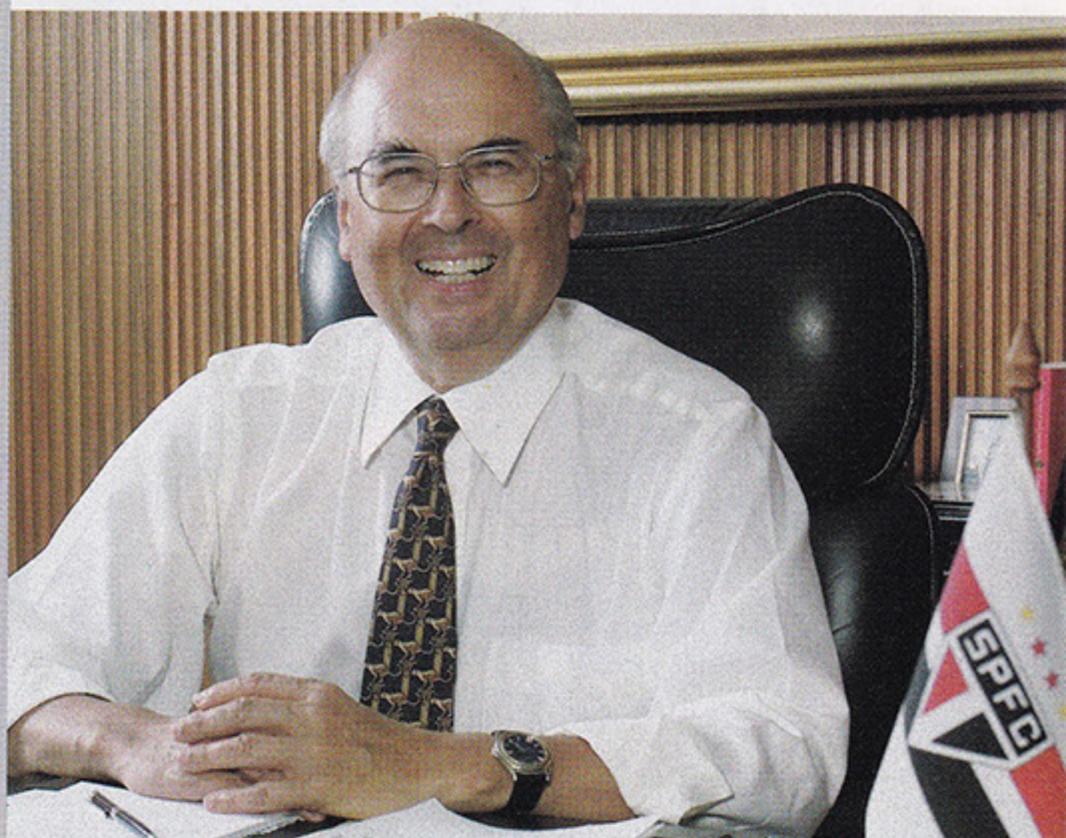
Poucos clubes nacionais acreditaram que a instituição do passe, uma tradicional mola propulsora dos negócios no futebol brasileiro e mundial, pudesse chegar ao fim. Depois de decretada a mudança por meio de instrumentos legais, houve um prazo para que os clubes e toda a comunidade envolvida pudessem se adaptar. A maioria não o fez.

A questão hoje não é discutir a validade ou não do fim da Lei do Passe. Mudou e pronto. Clubes e atletas precisam agora se empenhar pelas alterações que poderão melhorar as novas regras. Entidades como o nosso glorioso Tricolor precisam ver protegidos os seus investimentos feitos nas categorias de base. O São Paulo tem tradição na revelação de valores. E isso precisa ser respeitado.

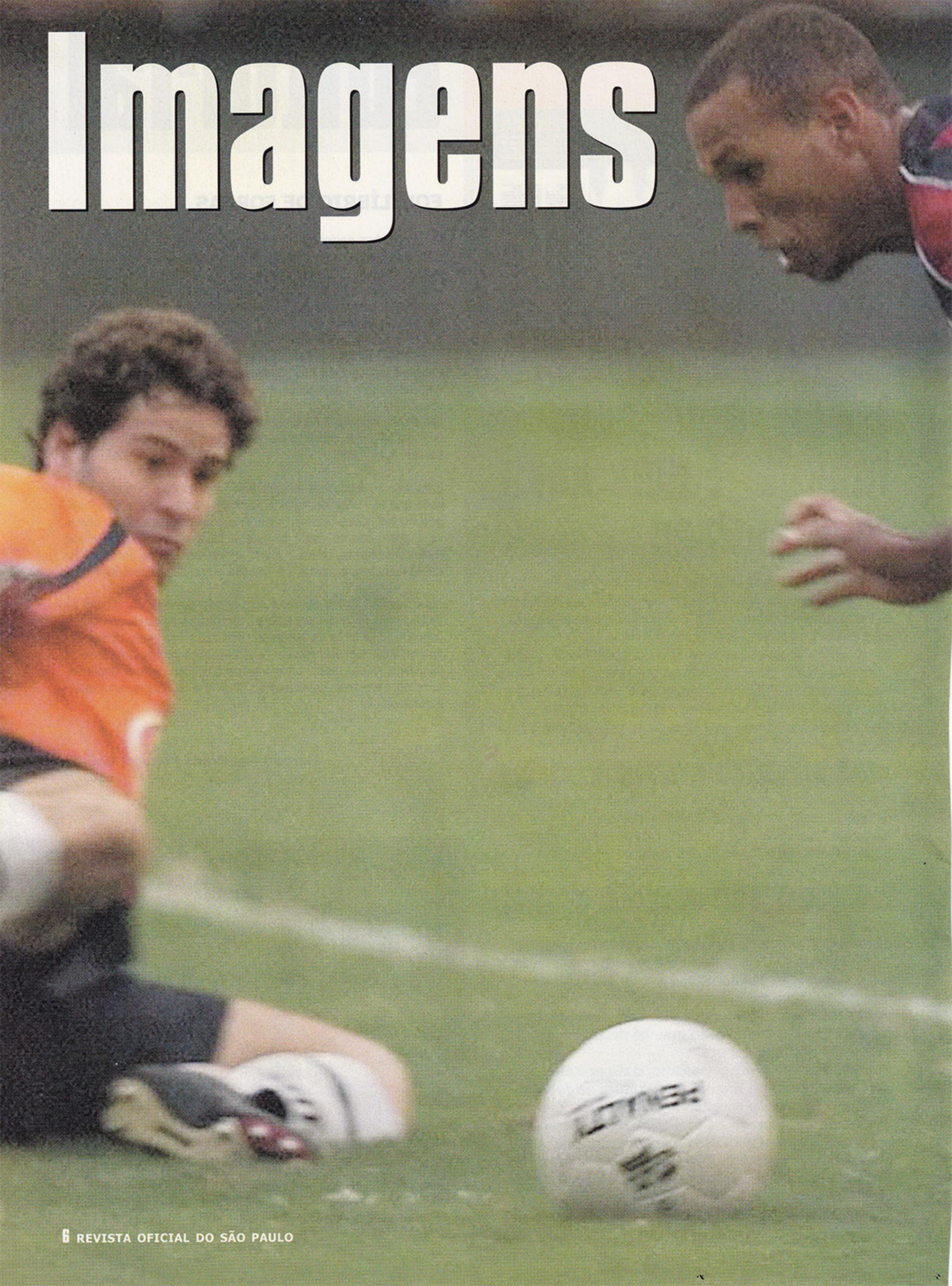
Enquanto a realidade e a legalidade procuram um ponto de equilíbrio que se traduziria em adaptações no texto legal, o São Paulo desenvolve novos tipos de contratos com seus atletas. O objetivo é minimizar ou evitar prejuízos. Mas o grande desafio que temos pela frente, talvez o maior, é o de pôr fim ao ambiente de desconfiança que permeia a relação entre clubes e jogadores.

Essa é uma trágica herança do período de vigência da Lei do Passe. Para fugir de armadilhas contratuais e outras eventuais espertezas, atletas se cercaram dos cada vez mais poderosos empresários e procuradores. O estabelecimento de um clima de confiança mútua entre agremiações e atletas poderá finalmente tornar realidade um desejado equilíbrio de forças, sem intermediários.

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente



Imagens





**O PEIXE MORRE
PELA BOCA**

Luís Fabiano dribla o goleiro santista Júlio Sérgio e marca o segundo gol da vitória do SPFC sobre o time da Vila Belmiro por 2 a 1, em partida pelo Paulista, no dia 15 de fevereiro de 2003



FOTOS RUBENS CHIRI

O sábio da bola

Boêmio confesso, foi na crônica do cotidiano e na crítica musical e de artes que Alberto Helena Jr. deu seus primeiros passos rumo a uma carreira jornalística que já comemorou ricos 46 anos. Conheça a seguir um pouco mais da personalidade desse brilhante profissional da imprensa esportiva

Por I.C. Martins

Alberto Helena Jr. merece um livro. São muitas as histórias que tem para contar. E ele sabe como fazer isso. O homem é bom de conversa. E brilhante com as palavras escritas. Seu extenso currículo como profissional multimídia vai da experiência com o alisérgico LSD-25, vida para escrever uma espetacular matéria para a revista *O Cruzeiro* até o batismo da banda Os Mutantes (Rita Lee e os irmãos Sérgio e Arnaldo), cujo nome foi criado por ele quando trabalhava na produ-

ção do programa do Ronnie Von, na TV Record. Rádio, jornal e televisão conheceram a competência e o dinamismo desse paulistano do Brás. Entre os muitos prêmios que recebeu na carreira, o mais famoso é aquele que não ganhou: a matéria sobre o LSD, em *O Cruzeiro*, era barbada para o Prêmio Esso. Mas Helena Jr. não conseguiu juntar os sete exemplares necessários para inscrever a reportagem no concurso. A revista havia esgotado nas bancas e no estoque da editora. "Fui prejudicado pelo sucesso", diverte-se hoje.

Boêmio confesso, foi na crônica do cotidiano e na crítica musical e de artes que deu seus primeiros passos rumo a uma brilhante carreira de jornalista que já comemorou ricos 46 anos.

No coração desse veterano jornalista desde cedo bate um coração tricolor. Apaixonado por futebol, o destino e o desemprego acabaram o empurrando para a crônica esportiva aos 28 anos de idade e 12 de carreira (*Jornal da Tarde*, 1969). Sorte daqueles que hoje podem curtir a sua "Bola de Papel", deliciosa e premiada coluna sobre futebol que ele publica diariamente (exceto aos sábados) no jornal *Diário de S. Paulo*.

Helena Jr., hoje morando tranquilamente num condomínio em Ibiúna, descansa da vida atribulada que teve, mas não abandonou o trabalho. Além do jornalismo diário, ele prepara um presente para o torcedor tricolor. Espera o momento adequado para lançar seu terceiro livro: o *Clube da Fé* (nome provisório), no qual contará a história do São Paulo (editora DBA). "Só aguardo uma conquista significativa do grupo que tem Kaká como maior estrela para atualizar o trabalho e lançá-lo", disse. São dele também a biografia do pugilista Cassius Clay (Mohamed Ali, editora Três) e uma obra sobre o Palmeiras (Eterna Academia, DBA).

Do confortável escritório em sua casa de Ibiúna com reconfortante vista para um lago, Alberto Helena Jr. concedeu esta entrevista para a Revista Oficial do São Paulo.

Por qual motivo você demorou para decidir-se pela imprensa esportiva, fato que aconteceu somente em 1969, no *Jornal da Tarde*?

Desde menino – a bem dizer, desde que me conheço por gente –, sou apaixonado por futebol. Passava os dias colado no rádio, ouvindo a Pan-americana, a Emissora dos Esportes (hoje Joven Pan), com Pedro Luís, Mário Moraes, Hélio Ansaldo, Otávio Muniz, Salem Jr., Nicolau Chequer,

Raul Tabajara, essa turma toda. Ou, então, na Bandeirantes, com o Edson Leite, quando não a Tupi, com Wilson Brasil. Antes mesmo de aprender a ler, já devorava os jornais esportivos da época (via as fotos, claro, e pedia que meu irmão lesse pra mim, quando ele tinha saco): *Gazeta Esportiva*, *O Esporte*, o *Mundo Esportivo* e a *Equipe*. Mas, paralelamente, sentia um apelo muito forte da poesia, da literatura e da música, em especial, a brasileira dos anos 20/30 e 40. Ora, como nas redações que comecei a frequentar muito cedo a turma do esporte era vista com certo desprezo e se valorizava muito o pessoal da cultura, fui descambando para esse lado, sobretudo pelo meu viés boêmio, irresistível. Sucede que, na virada dos anos 60 para 70, ocorreram dois fenômenos paralelos. O *Jornal da Tarde*, que revolucionava a imprensa brasileira, gráfica e editorialmente, dera à seção de esportes, então comandada por Kleber de Almeida, um extraordinário profissional e figura humana irrepreensível, um refinamento que até o advento do *Jornal da Tarde* não havia, embora continuássemos a cha-

“O melhor do futebol brasileiro vicejou entre 1958 e 1970. Foi enquanto atuaram nomes como Pelé e Garrincha e os demais craques dessa geração”

mar o pessoal do esportes de A Canalha. Ao mesmo tempo, a música popular brasileira entrava em parafuso, parte por conta do Tropicalismo, que lhe retirou o caráter brasileiro e participativo que tivera nos tempos da MPB, sucessora da bossa nova, e, parte muito maior, por efeito da feroz e estúpida censura do governo ditatorial militar. Aliás, a cultura, como um todo, foi mutilada e engessada pelo regime militar. Então houve a convergência desses dois fatores, mais o fato de que eu acabara de acompanhar os amigos da *Última Hora*, num pedido geral de demissão, pela inter-



“Desde menino sou apaixonado por futebol”

ferência brutal do regime no jornal *A Folha da Tarde*, do mesmo grupo, e de que a única vaga que havia no *JT* era no caderno de esportes.

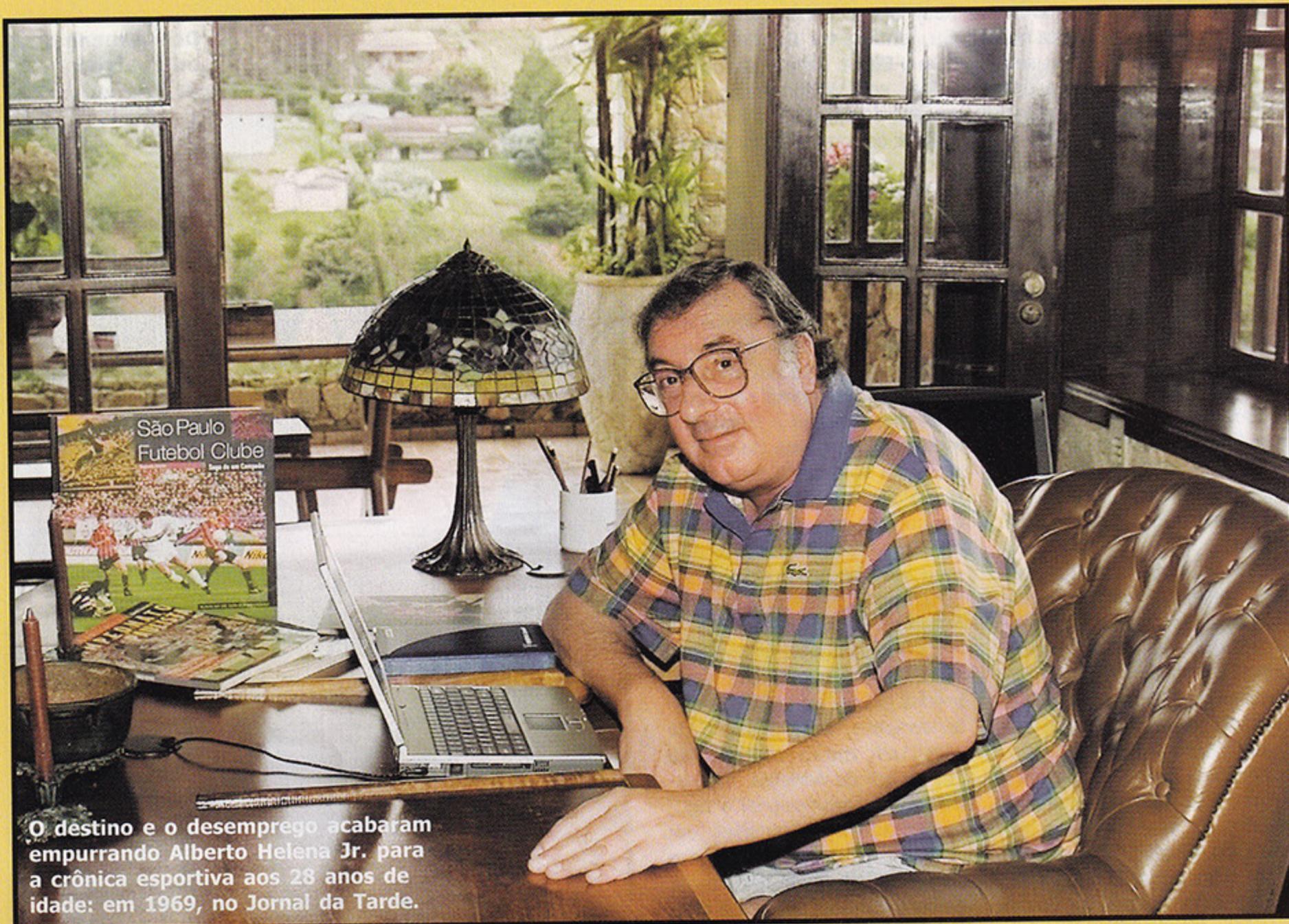
Como você se descobriu são-paulino?

Meu pai odiava futebol, pois, odiando o fanatismo acima de tudo, considerava o futebol uma usina de fanáticos. Minha mãe era absolutamente indiferente. Mas meu tio Oswaldo Sanz Duro, o lado catalão da minha gênese, irmão da minha mãe, que era médico da Federação Paulista de Futebol e da Federação de Boxe, era tricolor doente. Assim como uma tia de

minha mãe, chamada Emília, que mantinha no porão de sua casa na rua Vergueiro um verdadeiro santuário tricolor, com fotos de times e jogadores, quase todas autografadas, e quinqui-lharias com distintivos do São Paulo. Ambos me influenciaram decisivamente. Mas, na verdade, a sedução se deu por conta de Leônidas da Silva, o Pelé da época. Era o maior ídolo do São Paulo e ainda um dos maiores do Brasil. Tornei-me são-paulino apesar de viver no Brás, onde era duro enfrentar a molecada da rua, todinha dividida entre palestrinos e corintianos. Era uma briga por dia.

Na infância, na escola, qual era a sua relação e a de seus colegas com o futebol?

Fiz o primário no Grupo Escolar Rocca Dordal, do qual se dizia: entra burro, sai animal, ali na rua Marajó. O ginásio completei no Luciano Maia, na rua do



O destino e o desemprego acabaram empurrando Alberto Helena Jr. para a crônica esportiva aos 28 anos de idade: em 1969, no Jornal da Tarde.

Hipódromo, esquina com a João Alves de Lima, Brás, evidentemente. O futebol, para nós, era simplesmente tudo. Você acordava, ia para a escola, voltava e tome bola na rua de macaco, como se chamava o paralelepípedo no Brás. Almoçava, bola. Fazia parte da lição, bola. À noite, depois do jantar, bola. Jogava-se na rua mesmo, ou, então, no campo da Aviação, antigo hipódromo, um gigantesco terreno cercado de ciprestes com vários campinhos de terra. O futebol estava presente em todas as rodinhas, assim como no vício de colecionar álbuns das Balas Futebol, nos jogos de botões e até mesmo da grande novidade importada da Inglaterra pelas Casas Pirani, em 47: o pebolim.

Na sua opinião, o que o futebol do São Paulo já produziu de melhor e o que você pôde testemunhar?

Os três melhores times do São Paulo que vi jogar foram os de

“Tornei-me são-paulino apesar de viver no Brás, onde era duro enfrentar a molecada da rua, todinha dividida entre palestrinos e corintianos. Era uma briga por dia”

49 (Mário; Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Friaça, Ponce, Leônidas, Remo e Teixeira), o de 57 (Poy; De Sordi e Mauro; Dino, Vítor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhotoiro) e, por fim, aquele do Telê, com Raí, Müller, Cafu e cia. bela. A seleção Tricolor de todos os tempos seria (dos que vi e aqui ficam de fora Fried, Waldemar de Brito,

Sastre e tantos outros monstros sagrados, que não pude ver em ação) Zetti, que ganha de Poy essa condição pelo volume e importância dos títulos conquistados; Cafu, Mauro, Dario Pereyra e Noronha; Bauer, Zizinho (apesar do breve período em que jogou pelo SPFC, Mestre Ziza entra em qualquer seleção minha) e Raí (Pedro Rocha foi mais jogador,

mas Raí ganhou dois títulos mundiais, Gérson teria de disputar com Zizinho e Kaká ainda não chegou lá); Müller, Leônidas e Canhotoiro. Por fim, uma seleção de jogadores formados ou projetados pelo São Paulo: Rogério Ceni; Cafu, Mauro, Roberto Dias e André Luís ou Nélsinho; Bauer, Kaká e Denílson; Müller, Serginho Chulapa e Zé Sérgio.

O fato de ser colunista esportivo e são-paulino de origem já o pôs em alguma saia-justa? É difícil manter a isenção?

Saia-justa, nunca, meu! Eu sou é espada! Na verdade, mesmo quando era são-paulino de carteirinha, desde menino, sempre lancei um olhar muito crítico sobre o futebol. Posso dizer que sou mais apaixonado pelo futebol, como forma de expressão individual e coletiva, do que torcedor deste ou daquele time, incluindo aqui a seleção brasileira. Portanto, con-

“Posso dizer que sou um sortudo na vida. Quase toda ela me propiciou mais prazer do que desgostos”

vivo numa boa com a isenção. E, se exageros cometo, como, por exemplo, me acusam de perseguição ao técnico Felipão, pode pôr na conta da paixão pelo futebol, como arte e cultura do que por qualquer eventual e inexistente idiosincrasia com relação a este ou aquele.

Quais foram os piores e melhores momentos de sua carreira de jornalista?

Posso dizer que sou um sortudo na vida. Quase toda ela me propiciou mais prazer do que desgostos. Mas os momentos mais agradáveis foram quando trabalhei no *Cruzeiro*, no festival da Record, no *JT*, na *Última Hora Dominical*, na *Folha* e, agora, no *Diário de S. Paulo* e no IG.

Existe alguma explicação para o fato de o Brasil ser um grande centro de revelação de talentos para o futebol?

Até hoje procuro desvendar esse segredo. Pois somos uma mistura de etnias e culturas como muitos outros países são. Não há um dado genético, cultural, climático (somos, nesse aspecto, Europa e África juntos), nada que explique esse fenômeno. Mas é um fato: desde o início do século passado, quando passamos a praticar pra valer esse esporte, nenhum outro país produz tantos talentos em tão pouco tempo como o Brasil. E isso dentro de uma escola que ele mesmo forjou.

Quais são as suas lembranças dos tempos do futebol de várzea?

O cheiro do eucalipto infiltrando-se pela névoa da manhã, a expectativa de receber a primeira bola e dar-lhe um endereço certo, o misto de temor e desejo de que a briga era inevitável mais cedo ou mais tarde, as viagens na carroceria dos caminhões, o gosto das raspadinhas geladas atrás das metas, a passarela (uma aguardente com passas de uva) depois do jogo ou o samba-em-Berlim (cachaça diluída em Coca-Cola), a moreninha à beira do campo, torcedora do time adversário, mas que nos olhos tinha um brilho, huuummm. Essas coisas todas. Essa várzea acabou sendo substituída pe-

las escolinhas de futebol, as quadras de futsal nas escolas e prédios, públicos ou particulares, enfim, nada se cria, tudo se transforma.

Tudo mudou, inclusive o jornalismo esportivo. Como você o analisa hoje?

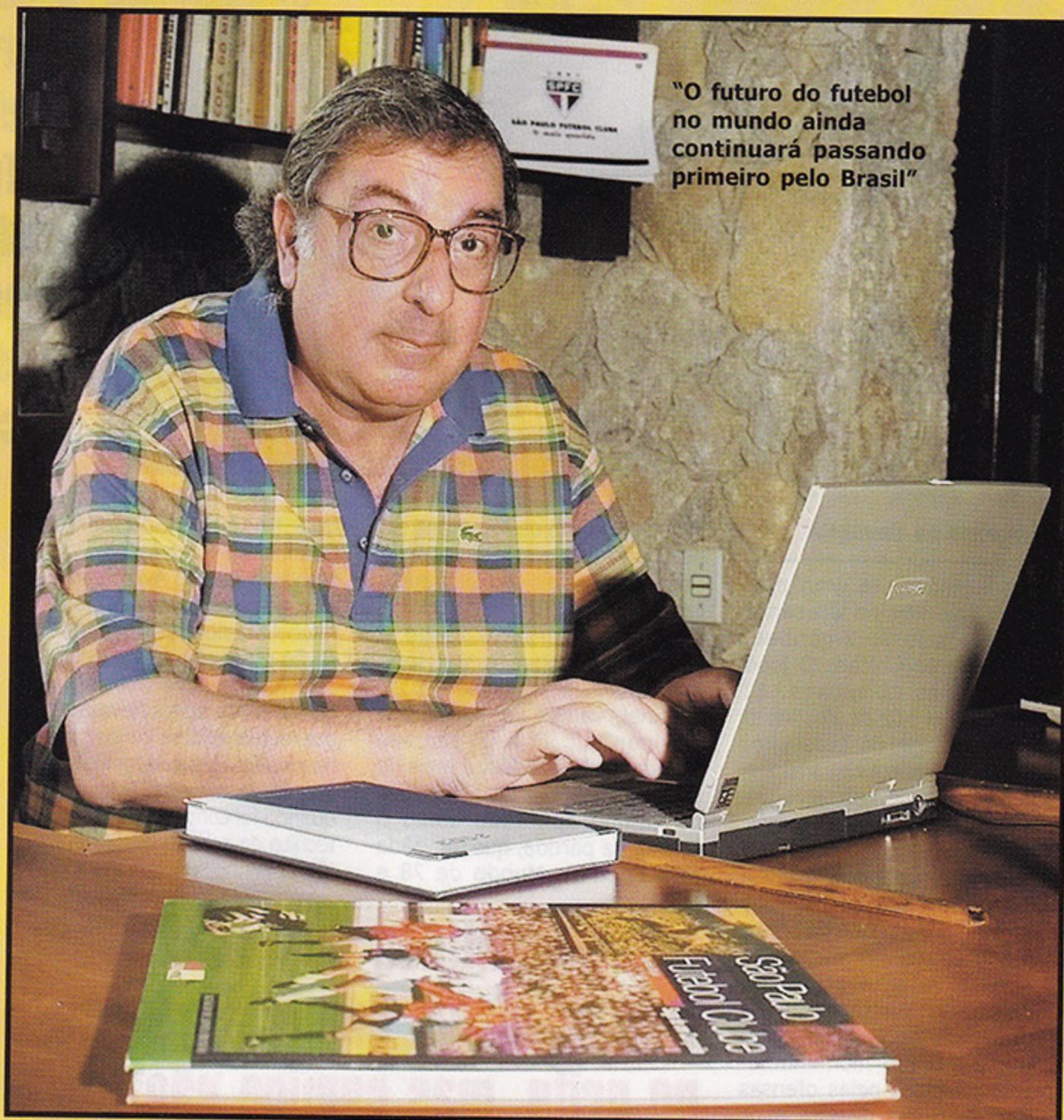
Esse é um assunto complicado, que demandaria resposta além dos nossos limites. Acho que o jornalismo, como no futebol, na mídia, houve substancial melhora. O *JT*, como o *Jornal do Brasil* antes, talvez a *Última Hora* de Wainer (Samuel Wainer), num período, eram exceções. Hoje, os textos, no geral, são mais

uniformes num plano mais aceitável. O problema é que os jornais, como tudo o mais, viraram reféns da área industrial e comercial, o que lhes tira o caráter de atualidade. Por isso mesmo, deveriam os jornais investir mais nos espaços de reflexão, evitando assim a concorrência inconsolável da tevê, do rádio e da internet. Por outro lado, as novas gerações de jornalistas, se nos ofereceram quadros de primeira, na imensa maioria revela um despreparo pasmoso, fruto de uma escola mal-engendrada, que despreza a individualidade do texto e o conheci-

mento da história, elementos essenciais para a formação de qualquer jornalista. Essa é mais uma fruta envenenada que a ditadura militar nos legou e que a democracia civil nem tenta extirpar.

Na sua opinião, qual o melhor período do futebol brasileiro? E do futuro, o que se pode esperar?

O melhor do futebol brasileiro vicejou entre 1958 e 1970. Foi enquanto atuaram nomes como Pelé e Garrincha e os demais craques dessa geração. E, com a aparente valorização que o futebol espetáculo tem merecido na atualidade, o nosso futebol parece que terá um futuro promissor. O pessoal acordou. Creio que o espetáculo voltou e, com ele, o interesse pelo esporte aumentará. O futuro do futebol no mundo ainda continuará passando primeiro pelo Brasil.





Chicão ergue a taça do campeonato brasileiro de 1977

Deus da raça

Comandante nato por onde passou, Chicão imprimiu sua garra e determinação também no Tricolor do Morumbi. Ainda hoje, é lembrado como um dos jogadores mais queridos da torcida são-paulina

Por Fernando Savaglia

Maricon! Hijo de la gran p...! Grita o catimbeiro atacante Luque, da seleção argentina, para o volante Chicão. O jogo havia apenas começado. E, percebendo o juiz de costas, o argentino cospe no brasileiro. As provocações continuam. Em dado momento, Chicão leva um tapa no rosto. O jogo se acirra. Chicão marca Mário Kempes, o supercraque argentino que foi artilheiro da Copa de 78, mas sempre vigiando Luque de perto. Numa disputa no meio-de-campo, o valente atleta do selecionado nacional vê a oportunidade de restabelecer a ordem e a honra momentaneamente perdidas pelas ofensas de Luque. Numa disputa mais

viril, o cabeludo da Argentina cai no chão espantado com a determinação do raçudo brasileiro. Chicão põe o dedo na cara do adversário caído e esbraveja: "Jogue o seu jogo que eu vou jogar o meu. E aí, no final, vamos ver quem é o Maricon". O argentino praticamente não tocou mais na bola. Já o volante brasileiro saiu de campo apontado como o melhor da partida, que foi válida pela Copa do Mundo de 78 e

que foi apelidada como "A Batalha de Rosário". Francisco Jesuíno Avanzi, mais conhecido como Chicão, fez fama no futebol brasileiro pela sua determinação e por não se intimidar com cara feia de adversário. A passagem descrita acima foi apenas um dos inúmeros desafios que o atleta nascido em Piracicaba enfrentou em sua longa carreira. Naquele dia, quando foi comunicado pelo então técnico da seleção brasileira, Cláudio Coutinho, de que iria jogar, o

volante mostrou tranquilidade. "Joguei como no São Paulo e, aos 20 minutos do primeiro tempo, percebemos que toda a pressão psicológica da torcida e da seleção argentina de nada iria adiantar. Eles se encolheram. No começo, acharam que iriam ganhar no grito. Mas comigo não".

Mesmo com toda a pressão sofrida, o empate por 0 a 0 acabou sendo fatal para as pretensões do Brasil de chegar à final do torneio. "Poderíamos ter ganhado. Mas acabamos perdendo dois gols feitos. Em seguida, vencemos a Polônia. Fomos, porém, desclassificados no saldo de gols por causa daquele jogo estranho em que a Argentina goleou o Peru por 6 a 0", relembra. O resultado realmente soou muito esquisito, já que o Peru foi apontado como a gran-

"Os argentinos se encolheram. Eles acharam que iam ganhar no grito, mas comigo não"

de revelação da primeira fase. Tendo iniciado sua carreira no XV de Piracicaba, o jogador sempre atuou como médio-volante. Emprestado à equipe de União Barbarense, com 17 anos, voltou para Piracicaba, onde atuou por mais duas temporadas como titular absoluto da posição.

Na Ponte Preta, time para o qual se transferiu em seguida, Chicão acabou chamando a atenção da diretoria do São Paulo graças às suas atuações no Paulista de 1972. Logo foi contratado para substituir o já consagrado Édson Cegonha. No Tricolor, foram sete anos de ótimos serviços prestados. E justiça seja feita: mesmo com sua famosa determinação e garra apresentadas em campo, o volante sabia sair jogando de cabeça erguida e sempre entregava a bola redondinha a seus companheiros. "Eu brigava muito pela posse de bola. Mas, na hora de

sair jogando, ela passava sempre pelo meu pé e eu sempre a distribuía muito bem".

Sobre o time campeão paulista de 75, Chicão comenta que o SPFC tinha um belo elenco. "Na época, o Poy (*treinador da equipe*) promoveu o Muricy Ramalho para o time titular. Então o Zé Carlos, que era meia, foi jogar de ponta-esquerda e eu junto com o Pedro Rocha fazíamos o famoso quadrado de meio-de-campo. Jogar com eles era muito fácil por conta da grande categoria que tinham".

UM FEITO INÉDITO

Em março de 1978, o São Paulo disputava um título inédito até então. Em jogo válido pelo Brasileiro de 77, o Tricolor foi a Belo Horizonte enfrentar o Atlético-MG em uma das finais mais dramáticas de toda a história do campeonato nacional. "O Atlético não tinha uma grande defesa. Do meio-

de-campo para a frente, porém, era um timaço. Rubens Minelli, técnico do São Paulo na época, tinha armado uma equipe de pegada forte. A chuva que caiu durante o jogo acabou deixando o gramado pesado. Isso acabou nos ajudando. Porque eles eram um time de toque de bola refinado".

Naquela tarde, o São Paulo entrou com o meio-de-campo composto por quatro jogadores de marcação. Eram eles Chicão, Teodoro, Dario Pereyra e ainda o meia Viana, que atuou caindo mais pela ponta-esquerda. Com seus companheiros, o volante fez uma excelente partida, anulando o ofensivo time do Galo. Com o empate por 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, a disputa do título acabou nos pênaltis. Na hora de bater o seu, Chicão escorregou. "Quando perdi o pênalti, pensei que tinha jogado fora tudo aquilo que havia feito naquela tarde. Mas, no final, deu tudo certo".

Afora o título inédito para o SPFC, o atleta ainda teve outra grande alegria naquele dia. Pouco antes de baterem os pênaltis, três craques são-paulinos foram avisados pelo banco de reservas de que a lista com os convocados para a seleção brasileira que iria disputar a Copa do Mundo da Argentina tinha acabado de ser divulgada no Rio de Janeiro. Entre os nomes dos selecionados, estavam Valdir Perez, Zé Sérgio e Chicão.

Durante mais dois anos, o espírito de luta de Chicão reinou no meio-de-campo tricolor. Transferido para o Atlético-MG em 1980, o jogador ainda virou ídolo da torcida local. Ele chegou a disputar mais uma final de Brasileiro. Foi no ano de 1980, contra o Flamengo. Naquela oportunidade, era o capitão da equipe.

Depois de um ano e meio em Belo Horizonte, o volante foi transferido para o Santos. Então jogou por mais uma temporada na equipe da Vila Belmiro. Chicão ainda defendeu o Corinthians de Presidente Prudente por três meses. Em seguida, ajudou o Botafogo de Ribeirão Preto a livrar-se da ameaça de rebaixamento que rondava a equipe naquele Paulista.

Com as chuteiras penduradas, Chicão, aos 36 anos, foi convidado, no início de 1985, pela diretoria do Mogi Mirim a integrar o time que tinha o objetivo de vencer a segundona. O clube do interior queria uma vaga na divisão de elite do Paulistão. "Fui campeão com uma equipe jovem e me sai



RUBENS CHIRI

Chicão, em encontro de ex- atletas são-paulinos em novembro de 2002

muito bem. Pois ainda corria e treinava bem. Quando atingimos nossa meta, resolvi que era hora de parar".

Depois que parou de jogar, o ex-craque são-paulino iniciou na carreira de treinador na mesma equipe que o revelou para o futebol. "Logo que parei profissionalmente, fui jogar com o Luciano do Valle naquela seleção de Masters que disputou a Copa Pelé. Foi quando surgiu o convite para dirigir o XV de Piracicaba. Em seguida, fui treinar o Independente de Limeira e, depois, dei uma parada por um bom tempo". No ano passado, Chicão dirigiu o Montenegro de Avaré, time que ascendeu à divisão B2 do Campeonato Paulista.

Hoje, o jogador diz-se realizado com tudo aquilo que fez no futebol. "Tudo que pensei em conseguir, realmente consegui. Quando comecei no XV, minha meta era ir para uma equipe mais estruturada. Fui para a Ponte. Lá me imaginei jogando em um grande time. Fui contratado pelo São Paulo, onde eu sabia que, se jogasse meu jogo, iria para a seleção brasileira, da qual participei com muito orgulho".

Comemoração: o jogador festejando um dos 12 gols que fez com a camisa tricolor



REPRODUÇÃO

A BATALHA DE ROSÁRIO

No dia 18 de junho de 1978, Brasil e Argentina se enfrentaram no pequeno Estádio da cidade de Rosário, na Argentina. Quase 40 mil espectadores gritavam e pulavam em apoio à sua seleção, tentando intimidar os brasileiros. Durante a partida, o espírito de luta de Chicão falou mais alto. Ele demonstrou sua típica bravura em campo. Eleito o melhor jogador da partida, o volante são-paulino acabou por perpetuar seu nome na história do Brasil nas Copas do Mundo por conta de sua atuação naquele jogo.

ARGENTINA 0 X 0 BRASIL

Data: 18/06/78 • Local: Rosário • Árbitro: Karoly Palotai (Hungria) • Público: 37.326 • ARGENTINA: Fillol; Olguin, Galván, Passarella e Tarantini; Ardiles (Villa), Gallego, Ortiz (Beto Alonso) e Luque; Daniel Bertoni e Kempes
BRASIL: Leão; Toninho, Oscar, Amaral e Rodrigues Neto (Edinho); Batista, Chicão, Dirceu e Jorge Mendonça (Zico); Gil e Roberto Dinamite

Equipe reforçada

Visando à temporada 2003, o Tricolor contratou três atletas e promoveu oito do futebol de base

Por Carlos Mesquita

Para disputar a temporada 2003, o São Paulo fez três importantes contratações. Além disso, promoveu oito atletas da equipe de base que disputou a Taça São Paulo de Juniores. O lateral-esquerdo

Fabiano, negociado com o Atlético-PR, o lateral-direito Leonardo Moura e o atacante Itamar, comprados do Palmeiras, vieram reforçar o elenco que o time do Morumbi começou a montar no segundo semestre de 2002. Dos juniores, subiram Kléber, Marco Antonio, Ailton, Fábio Santos, Paulo Krauss, Tiaguinho, Edcarlos e Veloso.

“Era um sonho meu estar no SPFC. Espero que consiga mostrar meu futebol aqui como fiz no Atlético-PR. Todos dão atenção. Isso é bom para você ficar bem no grupo e satisfeito”

FABIANO, lateral-esquerdo

“Tem umas feras dentro de campo. Mas vou trabalhar bastante para conquistar uma vaga na equipe. Todo jogador quer jogar. O banco do SPFC tem atletas muito bons. Então, se o Oswaldo optar por eles, estarei torcendo para que tudo dê certo para o time”

ITAMAR, atacante



JOVEM TALENTO NA LATERAL-ESQUERDA

Fabiano começou a jogar em 1996. Seu primeiro time foi o Nacional, cujo Centro de Treinamento fica coincidentemente em frente ao do São Paulo.

Depois de ficar um período no clube, foi para a segunda divisão do futebol paranaense. Na sequência, transferiu-se para o Atlético-PR, pelo qual foi campeão em 2001.

Após essa temporada no sul do País, Fabiano, que despertou o interesse de vários clubes brasileiros e internacionais, chegou ao São Paulo. “Era um sonho meu estar no SPFC. Espero que consiga mostrar meu futebol aqui como fiz no Atlético-PR”.

De acordo com ele, o entrosamento com os outros jogadores do elenco está fluindo da melhor forma possível. “Todos dão atenção, conversam. Isso é bom para você ficar bem no grupo e satisfeito”.

Enquanto esteve no Atlético-PR, você jogou bem. Aqui no SPFC ainda não teve chance de atuar. Isso gera uma certa cobrança?

Fabiano – Todo mundo me viu jogando. Então vim para um time grande como o São Paulo e, naturalmente, veio a cobrança. Mas tem de haver a tranquilidade. Acho que, na hora certa, vai tudo correr bem.

O Gustavo Nery cresceu bastante de rendimento nas últimas partidas, fazendo muitos gols. Como é que ficou a sua situação depois disso? É saudável essa briga pela posição?

Fabiano – É importante o que está acontecendo no SPFC hoje e também para o Gustavo Nery. A briga pela vaga de titular é saudável. Como se diz na gíria do futebol, não tem traiagem. Ele também já sofreu muito. Ele tem a história dele no SPFC e eu estou aí para competir dentro de campo. Ninguém está querendo passar a perna em ninguém. Muito menos subir nas costas de ninguém.

LEVEZA NA LATERAL-DIREITA

Apesar dos 24 anos, Leonardo Moura também é outro que tem bastante experiência. O jogador começou aos 9 anos na escolinha do Flamengo. Permaneceu lá até os 13. Embora tenha parado para dedicar-se apenas aos estudos, retornou ao futebol com 16 anos. O clube que o recebeu de volta foi o Botafogo, do Rio de Janeiro. Em dois anos na equipe, conquistou o título de campeão carioca duas vezes. Na seqüência, Leonardo foi emprestado ao Linhares, do Espírito Santo. Quando voltou ao Botafogo, seus direitos federativos foram comprados por seu procurador. Na seqüência, foi jogar no GBA, da Antuérpia, na Bélgica. Depois de um período de um ano na equipe, foi para a Holanda defender o Deera.

Em 2001, retornou ao Botafogo. Até esse momento de sua carreira, Leonardo só havia atuado como meio-campista. Mas, num jogo contra o Goiás, Paulo Autuori, que era o técnico do time, o pôs na lateral-direita. "Quando joguei lá fora, atuei como ala-direita. Então é como se fosse um lateral. Por conta disso, já tinha facilidade". Após um tempo, Romário o levou para jogar no Vasco da Gama. Leonardo ficou seis meses no time cruzmaltino e veio, na seqüência, para o Palmeiras, clube do qual saiu para defender o Tricolor.

A torcida não pegou no seu pé?

LM – Alguns torcedores falam, mas não saí de lá porque o time caiu. Tomei essa atitude por não ter tido a seqüência de jogos que era para ter tido. Estou aqui há pouco tempo e está sendo fantástico. O pessoal me recebeu muito bem. Sou bastante grato a todo mundo e pretendo retribuir. Este aqui é clube de primeiro mundo. Tem tudo de que um jogador precisa para chegar à seleção.

O São Paulo tem um elenco com jogadores competitivos em todas as posições. Como você analisa essa disputa por uma vaga no time titular?

LM – Isso é bom porque nos motiva cada vez mais. Isso faz você treinar forte, jogar forte. E isso ajuda o SPFC porque, quando um sai, o outro entra bem. Com grandes jogadores, fica mais fácil. A gente aqui tem de brigar pelo nosso espaço.

EXPLOSÃO NA FRENTE

Mineiro de Santa Maria de Itabira, Itamar, apesar de jovem, é um jogador experiente. O atacante, que se destaca pela explosão, iniciou no Valério Doce Esporte Clube. Teve também uma passagem pelo juvenil do Cruzeiro. E, em seguida, foi para a categoria de juniores do Atlético-PR. Como profissional, defendeu o Iraty Esporte Clube, Paraná, Goiás e, na temporada passada, Palmeiras.



FOTOS RUBENS CHIRI

Itamar veio para o clube do Morumbi para disputar vaga num setor que conta com jogadores habilidosos. Isso, entretanto, não o incomoda. "Tem umas feras dentro de campo. Mas vou trabalhar bastante para conquistar uma vaga na equipe. Todo jogador quer jogar. O banco do SPFC tem atletas muito bons. Então, se o Oswaldo optar por eles, estarei torcendo para que tudo dê certo para o time", diz Itamar.

O jogador destaca também a estrutura do São Paulo. "O São Paulo tem excelente estrutura e tenho tudo para dar certo aqui".

A sua vinda para cá foi surpreendente. Tudo aconteceu de forma muito rápida. Como é que se deu?

Itamar – Para mim, foi muito bom. Foi uma negociação de dois dias, rápida. Até me surpreendi um pouco porque não fiz uma boa campanha no ano passado com o Palmeiras. Mas temos de deixar isso de lado e pensar no SPFC agora.

Você quase ficou na Ponte Preta, mas não deu certo. O que aconteceu?

Itamar – Cheguei até a treinar na Ponte Preta. Mas eles não cumpriram com os deveres deles. Tive de sair e retornar a Minas, para minha cidade natal. Estava lá e o São Paulo pediu minha contratação e deu tudo certo.

A molecada

MARCELO GALLO

Marcelo Gallo chegou ao São Paulo em 1998 com 15 anos de idade. Antes, porém, jogou no Criciúma e na Portuguesa de Desportos. O atleta foi promovido ao time principal do Tricolor há cerca de 10 meses, quando disputou um amistoso com o São Caetano. E, por conta de seu bom desempenho, recebeu a notícia de que não precisava retornar à equipe de base.

De acordo com ele, assim que foi incorporado ao time profissional, imediatamente passou a sentir as diferenças. "Dá para ver a pressão da torcida, da diretoria. Tem de haver vitória a todo instante".

A pressão já chegou a assustá-lo em algum momento?

MG – Quando estamos fora, pensamos que tudo é fácil. Mas, quando entramos, vemos que é totalmente diferente. A coisa é muito complicada.

A responsabilidade dentro de campo num clássico então é triplicada?

MG – Porque jogamos num grande time, que é o São Paulo, um dos maiores do Brasil. Isso torna nossa responsabilidade grande. Num clássico, o bicho pega mesmo.





KLÉBER

Se você acompanhou os jogos do Tricolor do Morumbi no Campeonato Paulista, percebeu que, na ausência de Reinaldo nas primeiras partidas, quem fez dupla de ataque com Luís Fabiano foi um jovem e promissor atleta chamado Kléber.

Há oito anos no SPFC, veio de uma escolinha de Osasco. Passou por todas as equipes da categoria de base até chegar ao time principal do clube. "Acho que o sonho de qualquer jogador que está começando é

chegar ao profissional. E eu consegui realizar. Agora espero me firmar". Por conta de um cartão vermelho no jogo contra a Inter de Limeira, Luís Fabiano não pôde jogar. Então Kléber o substituiu na partida contra a Portuguesa Santista, tendo a oportunidade de formar a dupla de ataque com Reinaldo.

A trajetória do Kaká é um belo estímulo aos jogadores de base, não é?

Kléber – Foi uma coisa que ninguém esperava. Da noite para o dia, o kaká chegou onde está. Espero que consiga muito mais porque merece. É um jogador com quem joguei no infantil, juvenil e júnior. Sempre estivemos juntos. Não tenho a ambição de chegar onde ele está. Quero, porém, conquistar meu espaço e meus objetivos.

Diferentemente de quase todos os colegas seus que subiram, você disputou várias partidas. Como foi lidar com a pressão que vem das arquibancadas?

Kléber – Não tenho muitos problemas com isso. Vivo num lugar em que tem muito são-paulino, muito torcedor. Então já me acostumei.

MARCO ANTONIO

Marco Antonio chegou ao São Paulo em 1995 com 10 anos de idade. Depois de ficar praticamente seis meses em teste, foi para o dente-de-leite. Na seqüência, passou por todas as outras categorias de base. Ficou no júnior durante um ano. Ter sido promovido para o profissional foi a realização de um sonho. "Desde que cheguei aqui, sempre almejei isso. Não esperava que fosse assim, por conta da saída prematura da Copa São Paulo. Me pegou de surpresa, mas fiquei muito feliz".

Você se espelha, de alguma forma, em jogadores como Kaká, Júlio Baptista e Fábio Simplicio? O caso deles funciona com um estímulo?

MA – O Kaká é um estímulo pelo o que ele já conquistou. Subiu e, praticamente da noite para o dia, virou o Kaká que é hoje. Todo mundo com esse assédio em cima dele em dois anos de carreira profissional. Antes, a gente se via sempre lá no Morumbi e nas concentrações e, agora, tanto o Kaká quanto o Júlio Batista e o Fábio Simplicio são,

sem dúvida, um grande estímulo para nós.

Em relação à pressão que o jogador sente no time principal, você já tem uma boa história para contar?

MA – Não estávamos acostumados com a imprensa todo dia vendo treino, chegar em casa e ver uma matéria com nossos companheiros e a gente lá treinando. Amigos ligando. É uma pressão muito grande, principalmente por ser São Paulo, mas vamos tentar encarar da melhor maneira possível. Se fizermos a coisa da forma certa, como o professor mandar, acho que a torcida vai entender, vai ajudar a estimular. No primeiro jogo que perdemos no Campeonato Paulista, os torcedores vieram para a porta do CT. Então os mais velhos me falaram para que eu fosse me acostumando porque aqui em cima era daquele jeito mesmo. Lá em baixo, não tem isso. Pô, fiquei meio assustado. Para ir embora, tive de esperar uns 30, 40 minutos para que a polícia pudesse tirar os torcedores da porta.

“Trabalhei com o Kaká no infantil, juvenil e júnior. Sempre estivemos juntos. Não tenho a ambição de chegar onde ele está. Quero, porém, conquistar meu espaço e meus objetivos. Acho que o sonho de qualquer jogador que está começando é chegar ao profissional” **KLÉBER, atacante**

EDCARLOS

Há quase dois anos no SPFC, Edcarlos veio de Salvador, Bahia. Antes, porém, o garoto tentou a sorte em outros clubes. Fez teste no Grêmio e no Palmeiras. Mas seu destino era mesmo o Tricolor do Morumbi. Atuando na zaga, encontrou nomes no time profissional como Jean, Júlio Santos e Régis. Edcarlos, entretanto, garante que isso não lhe tira o sono, pelo contrário. "É saudável. Os outros jogadores da posição conversam comigo e me orientam o tempo todo. Régis, Jean e Júlio Santos não têm distinção quanto a isso aí. Não tenho o que falar deles", assegura.

A zaga do SPFC nos últimos anos foi muito criticada. Isso aumenta a sua responsabilidade? É um peso a

mais?

Edcarlos – Estou vendo aí essas cobranças em relação à zaga. Então a gente vai ficando vivo com essas coisas. O zagueiro pode fazer 99% de coisa bacana mas, se falhar, pronto: o cara não presta. Goleiros e zagueiros sempre vão ser crucificados. Zagueiro e goleiro não têm vez. Então você tem de procurar fazer o 100%, senão...

O que mudou em relação aos treinos?

Edcarlos – Não tem muita diferença porque as exigências são as mesmas que existiam. Talvez aqui as exigências sejam um pouquinho maiores do que lá pelo fato de ser profissional. Então temos de melhorar a cada dia. Mas a cobrança é praticamente a mesma coisa. Não tem diferença.

PAULO KRAUSS

Paulo Krauss começou no futebol de maneira fortuita. No ano de 1997, um amigo o convidou para jogar bola numa escolinha em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Em 1999, o atleta chegou ao São Paulo por intermédio de um procurador. Krauss passou pelo infantil, juvenil e júnior. Depois de disputar a Taça São Paulo deste ano, foi integrado ao time profissional. "Quando recebemos a notícia, não só eu como todos os outros amigos ficamos ansiosos em trabalhar no profissional, que é uma grande oportunidade, principalmente num clube como o São Paulo, que nos projetou para o futebol".

No time principal, Krauss logo percebeu as diferenças em relação aos treinos. "Agora são jogadores profissionais, com outras característi-

cas. Eles sabem para onde vão, economizam o caminho. E nós, não. Como somos garotos, queremos correr o tempo inteiro. Existe muita diferença entre o jogador profissional e o da categoria de base. O profissional tem mais calma, mais tranquilidade para se adaptar a qualquer tipo de pressão".

Você fez uma partida pelo Campeonato Paulista, não fez?

PK - Fiquei no banco contra o Paulista e, depois, tive a oportunidade de acompanhar o grupo diante do Juventus e da Inter de Limeira, mas não fui aproveitado.

E como é que foi?

PK - O time saiu com a derrota e aí olhei aquilo tudo e pensei: 'Pô, isto aqui é que é pressão, é o profissional'.

“Agora, é agarrar a oportunidade da melhor maneira possível”

LEONARDO MOURA, lateral-direito



FOTOS RUBENS CHIRI

TIAGUINHO

Depois de oito meses no Joinville, o lateral Tiaguinho veio para o SPFC em 1999. Em 2000, acertou contrato de três anos com o time do Morumbi. Após disputar a Copa São Paulo de Juniores de 2003, apareceu a oportunidade de subir para o time profissional. “Agora, é agarrar a oportunidade da melhor maneira possível”. Seu pensamento é trabalhar para conseguir se estabelecer no time principal. “Tenho de trabalhar e conquistar meu espaço no time”, reconhece.

Você já sentiu a diferença em relação à pressão?

Tiaguinho – O pensamento de quando estávamos nos juniores era que, quando subíssemos para o profissional, a todo instante, estaríamos em pressão. Temos de nos acostumar com isso se a quisermos jogar num time grande. Logicamente, temos de estar preparados. Ainda não senti nada de diferente em relação à torcida. Ainda é começo de trabalho. Não tivemos oportunidade de jogar, mas, quando a torcida vem aos treinos, dá para sentir um pouco de diferença, sim.

O Kaká é atualmente um dos maiores estímulos para a garotada que subiu?

Tiaguinho – Não só o Kaká como o Fábio Simplicio, o Júlio Santos, o Júlio Baptista. Vamos nos espelhar neles para conseguir o mesmo espaço que eles conseguiram.

FÁBIO SANTOS

Fábio Santos está desde muito cedo no Tricolor. Chegou quando tinha apenas 11 anos e passou por todas as categorias de base do clube.

Apesar de ainda não ter tido a oportunidade de jogar nenhuma partida oficial pelo time, Fábio está à vontade. “As pessoas estão tratando a gente muito bem aqui em cima”.

Para ele, trabalhar com os jogadores profissionais é um estímulo a mais. “Eles têm muito o que passar para nós. E, qualquer coisinha que façam, tentamos olhar e aprender da melhor maneira. Eles já viveram muitas coisas boas. Júlio Santos, Kaká e Fábio Simplicio, por exemplo, passaram pelas catego-

rias de base do SPFC e souberam bem como crescer dentro do clube”.

Num primeiro momento, o atleta fica deslumbrado pelo fato de ter passado para o time profissional?

FS – Você fica meio tímido, mas eles nos aceitaram desde o primeiro dia. E deram liberdade para fazermos o que queríamos fazer aqui em cima.

Mas essa coisa que dá na cabeça do jogador não o atrapalha dentro de campo, não?

FS – Não. Eles nos dão liberdade e então fica tudo tranqüilo.

VELOSO

O goleiro Veloso chegou ao São Paulo em junho de 1998. Arrumou um teste para jogar no infantil do clube por intermédio de um amigo. “Fiz um teste de dois meses, fui aprovado e estou aqui até hoje”, explica.

Sua responsabilidade é das mais pesadas. Afinal, é o quarto arqui-queiro de um time que sempre teve a tradição de revelar inúmeros talentos na posição. Quanto a conquistar seu espaço no clube, Veloso adota uma política sóbria. “Primeiro, tenho de me firmar como quarto goleiro do SPFC. Uma etapa de cada vez. Com o passar do tempo, é que vou começar a galgar meu espaço dentro do clube. Meu intuito é permanecer no grupo e me firmar como quarto goleiro do SPFC. Depois para frente, a gente vê alguma coisa”.

O SPFC sempre teve bons goleiros nos últimos anos: Zetti, Gilmar e Valdir Perez. Isso é uma dura responsabilidade nas suas costas?

Veloso – O SPFC tem a tradição de ter grandes goleiros. Tive a felicidade de trabalhar com o

Zetti nas categorias de base. Ele foi nosso treinador nos juniores. Isso me facilitou porque ele me passou muitas coisas boas. Também é um cara muito humilde. É uma das pessoas mais humildes que já conheci. Acho que, da minha parte, a responsabilidade é grande porque o clube tem a tradição de revelar. Então essa coisa de cobrança sempre vai existir. É melhor assim, pois o SPFC é um dos maiores reveladores de atleta do País. E eu tenho de trabalhar para chegar ao nível de um Rogério, um Zetti, um Gilmar.

Sentiu muita diferença aqui em cima?

Veloso – Senti uma certa diferença, sim. Para mim, que sou goleiro, no amador não tem um espelho, não tem ninguém a quem olhar e aprender. Porque são meninos da mesma idade. No profissional, não. Aqui, trabalho com goleiros já consagrados como o Rogério Ceni, o Roger e o Márcio, que desponta muito bem. Então você olha para essas pessoas e vê que você tem muito a aprender com elas. No meu caso, a diferença que senti foi essa.

AILTON

Ailton ficou cinco anos defendendo o Náutico, do Recife (PE), até vestir a camisa do SPFC. A oportunidade surgiu quando um olheiro tricolor foi lá dar uma boa conferida no que estava rolando. Então Ailton teve a chance de vir aqui fazer um teste. “Ele me indicou aqui no SPFC e aí surgiu a oportunidade”, disse.

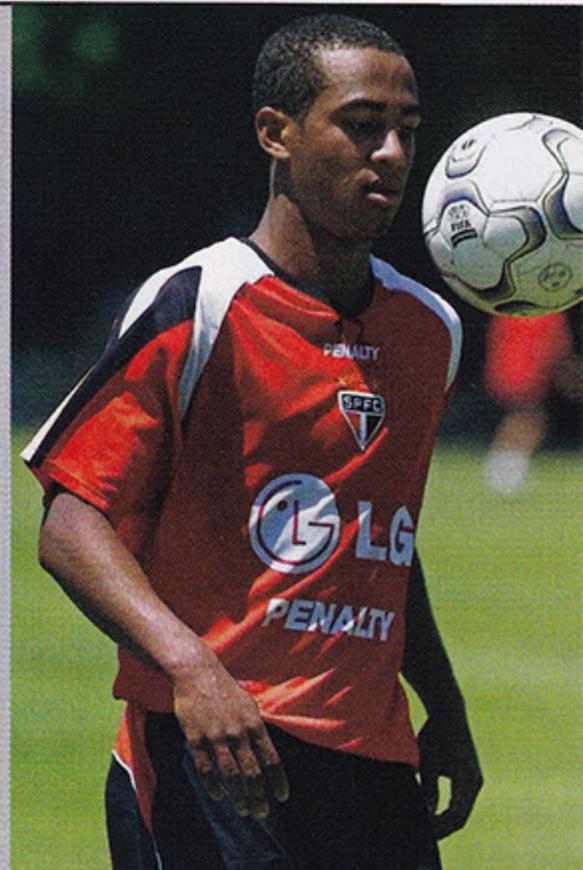
Para ele, isso tudo foi um grande prazer. Afinal, o atleta afirma que o São Paulo é um time do qual gosta desde pequeno. “Minha família inteira é tricolor também. Então estou jogando no SPFC com o maior orgulho”.

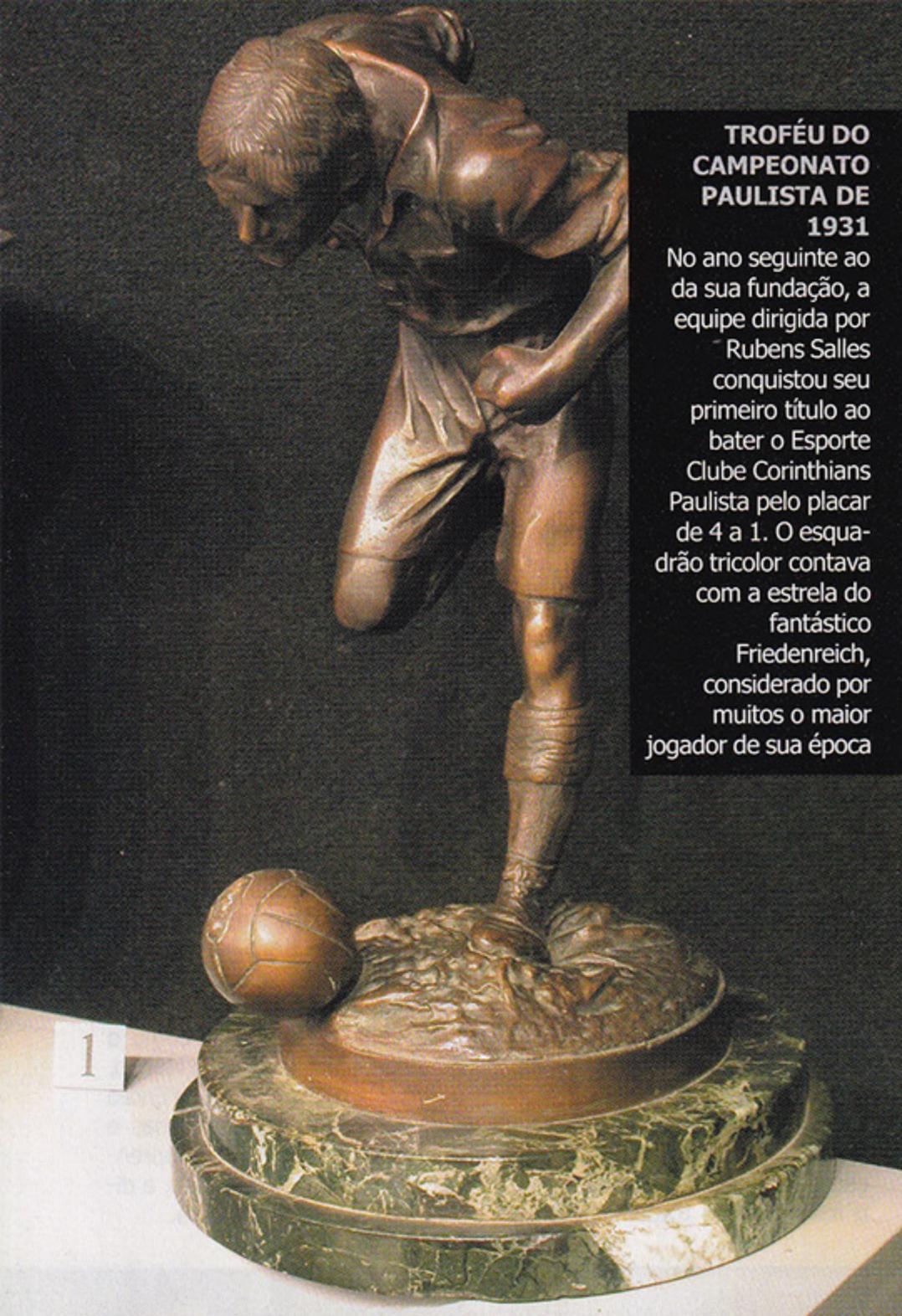
Como está o entrosamento com os companheiros de clube?

Ailton – Não tenho do que reclamar. As pessoas são muito legais e a estrutura do clube é excelente, não só aqui no profissional como nas divisões de base.

Já deu para sentir um pouquinho da pressão que vem das arquibancadas?

Ailton – Acho que, para mim, não é pressão, não. É a forma de a pessoa entrar em campo e mostrar seu valor. Acho que, quanto maior a torcida, mais você tem vontade de jogar.





TROFÉU DO CAMPEONATO PAULISTA DE 1931

No ano seguinte ao da sua fundação, a equipe dirigida por Rubens Salles conquistou seu primeiro título ao bater o Esporte Clube Corinthians Paulista pelo placar de 4 a 1. O esquadrão tricolor contava com a estrela do fantástico Friedenreich, considerado por muitos o maior jogador de sua época



TROFÉU DO CAMPEONATO PAULISTA DE 46

Com a fantástica campanha de 17 vitórias, três empates e nenhuma derrota, o Tricolor garantiu seu quarto título paulista em uma dramática vitória sobre o Palmeiras, no Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu. Nesse jogo, o zagueiro Renganeschi, contundido, fez o gol do título, garantindo a vitória por 1 a 0 sobre o rival

TÍTULOS E HI

HOMENAGEM A LÊONIDAS DA SILVA E SUA FAMOSA "BICICLETA"

Comprado do Flamengo, Lêonidas da Silva foi aclamado como um dos maiores jogadores do mundo entre os anos 30 e 40. Com a camisa do São Paulo, clube que defendeu por nove anos, o "Diamante Negro", como era conhecido, fez 140 gols em 211 jogos. Uma marca surpreendente



Fundado em março de 1994,
**O MEMORIAL SÃO PAULO
FUTEBOL CLUBE** atrai
fãs de todas as partes
do mundo



TROFÉU TERESA HERRERA, DO ANO DE 1992

No dia 15 de agosto de 1992, com uma brilhante vitória por 4 a 1 sobre o poderoso Barcelona, dirigido pelo técnico holandês Johann Cruyff, o Tricolor conquistou o mais tradicional Torneio Interclubes da Espanha. No dia anterior, a equipe brasileira havia derrotado nos pênaltis o time do Peñarol, do Uruguai, por 4 a 3. No tempo normal, o resultado foi um empate por 2 a 2. Doze dias depois, os são-paulinos conquistariam outro troféu importante em terras espanholas, o Ramon de Carranza, vencendo o Real Madrid por 4 a 0. Isso é que era time dos bons



FOTOS TATYANA ALVES

STÓRIAS

Por Fernando Savaglia

No Memorial São Paulo Futebol Clube, dividido em dois pavimentos os admiradores do esporte encontrarão todos os troféus conquistados pelo clube em seus 73 anos de história.

O destaque vai para os dois Mundiais Interclubes e as duas Libertadores da América, além da sapatilha usada por Adhemar Ferreira da Silva na conquista da medalha de ouro olímpica em Helsinque, na Finlândia, em 1952 e as luvas de Eder Jofre na vitória dos Campeonatos Mundiais de 60 e 73.

O Memorial também já foi palco de exposições como "85 anos de Leônidas da Silva", "Adhemar Ferreira da Silva - O Atleta de Ouro", "Eder Jofre - O Galo de Ouro" e "Dorinho - Um Traço Tricolor".

Os interessados encontraram ainda painéis com estatísticas e a história do clube, afora uma instalação em homenagem ao lendário Leônidas da Silva.



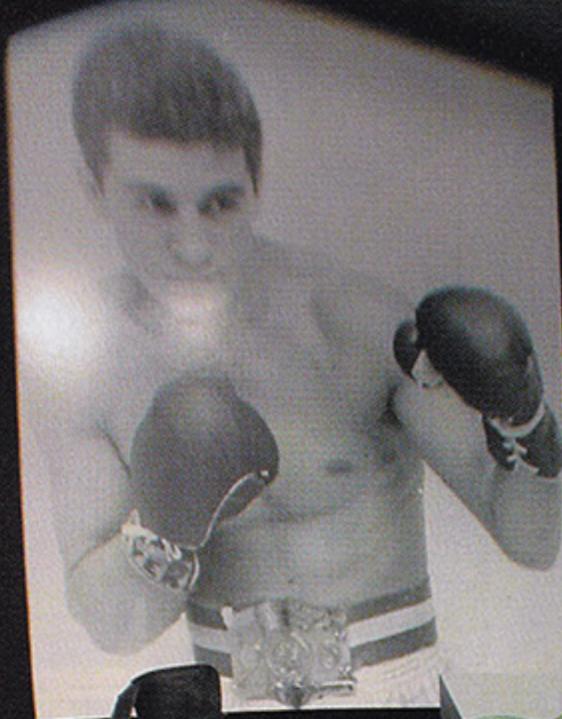
TAÇA DOS INVICTOS - 1946

Instituída na década de 30 pelo jornal *A Gazeta Esportiva*, a taça de posse transitória estava com o Palmeiras, invicto havia 22 jogos. No dia 29 de setembro de 1946, o Tricolor superou a equipe do Parque Antártica com uma vitória sobre o Corinthians por 2 a 1. O São Paulo Futebol Clube completaria ainda 30 jogos invictos, sustentando essa condição até a quinta partida do Campeonato Paulista de 1947



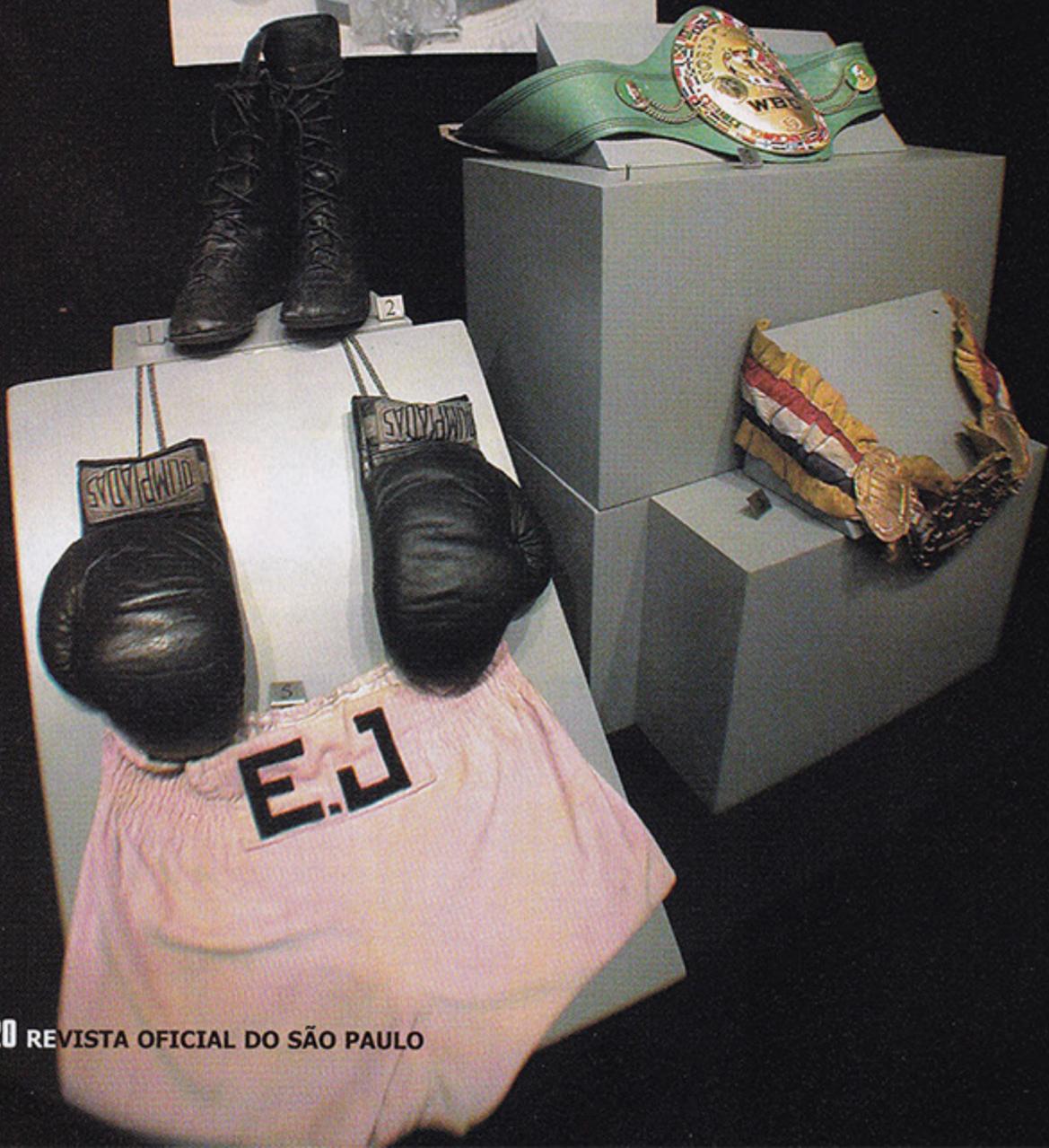
MUNDIAL INTERCLUBES 92/93

A chamada Toyota Cup é dada ao vencedor da disputa entre o campeão da Libertadores da América e o da Liga dos Clubes Europeus. Esse desafio é disputado desde 1960. E, em 1980, passou a ser decidido em um único jogo no Japão. O troféu da esquerda representa a conquista de 1992, com a vitória por 2 a 1 sobre o Barcelona. O da direita é o de 1993, quando o SPFC bateu o Milan por 3 a 2. Já o que está ao centro é o do bicampeonato. Ou seja, duas conquistas em dois anos consecutivos



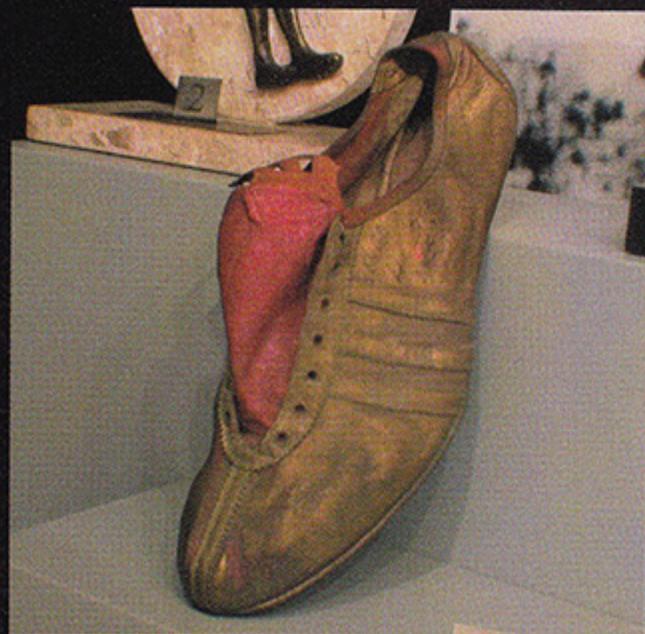
CINTURÕES E EQUIPAMENTOS DE EDER JOFRE

Ganhador de dois títulos mundiais, o pugilista Eder Jofre foi a principal estrela da academia de boxe das famílias Zumbano/Jofre, patrocinada pelo São Paulo Futebol Clube. Em 1960, o brasileiro conquistou o cinturão da categoria Galo numa luta emocionante com o mexicano Eloy Sanchez. Treze anos depois, ele seria coroado campeão mundial dos pesos pena



RECOPA 93/94

A disputa da Recopa reunia em um único jogo o campeão da Libertadores da América contra o campeão da Supercopa dos Campeões da Libertadores, que, naquele ano, havia sido conquistada pelo Cruzeiro. Com um empate por 0 a 0, São Paulo e Cruzeiro partiram para a disputa nos pênaltis. Ai não deu outra: o Tricolor venceu por 4 a 2 e levou o título para casa. No ano seguinte, o São Paulo ganhou, além da Libertadores, a Supercopa. A disputa da Recopa Sul-americana teria de ser feita contra o Botafogo-RJ, campeão da Conmebol. Com a vitória por 3 a 1, o São Paulo conquistou a tríplice coroa sul-americana, faturando no mesmo ano a Libertadores, a Supercopa e a Recopa



SAPATILHA DE PREGO UTILIZADA POR ADHEMAR FERREIRA DA SILVA NA CONQUISTA DA MEDALHA DE OURO NA OLIMPÍADA DE 1952, EM HELSINQUE, NA FINLÂNDIA

Naquela tarde, Adhemar quebrou por quatro vezes o recorde olímpico, chegando a saltar 16 metros e 22 centímetros. O recorde anterior era de 16,01m. Quatro anos mais tarde, na Austrália, o atleta repetiria o feito, estabelecendo um novo recorde, quando conquistaria sua segunda medalha de ouro numa Olimpíada

**LIBERTADORES****DA AMÉRICA 92 E 93**

Com uma vitória por 3 a 2 nos pênaltis sobre o Newell's Old Boys, o São Paulo conquistou, em 17 de junho de 1992, sua primeira Copa Libertadores da América. A partida terminou em 1 a 0 no tempo regulamentar. Em 1993, o adversário da final foi o Universidad Católica, do Chile. No primeiro jogo, uma goleada arrasadora no Morumbi: 5 a 1. No segundo, apesar da derrota por 2 a 0, o título ficou com o São Paulo por conta do saldo de gols

CAMPEONATOS**BRASILEIROS DE 77, 86 E 91**

Três títulos brasileiros em três campeonatos memoráveis. Essas conquistas marcam a história de grandes gerações de jogadores que passaram pelo clube. Na primeira, um São Paulo brilhantemente armado pelo técnico Rubens Minelli minou todas as armas e forças do Galo. Em campo, vários heróis se superaram. O goleiro Valdir Perez destacou-se naquelas cobranças de pênaltis que deram o título ao São Paulo. Em 1986, o São Paulo repetiria a dose de emoção na final contra o Guarani. E venceria seu segundo campeonato nacional. Em 1991, num empate sem gols, o Tricolor se consagraria tricampeão brasileiro

CAMPEONATO**PAULISTA DE 57**

Considerado por muitos o maior esquadrão do São Paulo de todos os tempos, a equipe dirigida pelo técnico húngaro Bela Guttmann conquistou este troféu em uma emocionante vitória sobre o Corinthians por 3 a 1. A equipe campeã contava com craques do calibre do goleiro José Poy, De Sordi, Mauro Ramos de Oliveira, Maurinho, Gino Orlando, Zizinho e Canhoteiro



SE VOCÊ TAMBÉM QUER FAZER UMA VISITA AO MEMORIAL, TOME NOTA

ENDEREÇO Praça Roberto Gomes Pedrosa, portão 17
Morumbi – SP / CEP: 05653-070

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO
De segunda a sexta, das 9 às 17 horas
De sábados, domingos e feriados das 12 às 17 horas
Em dia de jogos, o Memorial não funciona

A ENTRADA É GRATUITA

Telefone para maiores informações:
Fone: (0xx11) 3749-8072
Fax: (0xx11) 3749-5501
E-mail: comunicacao@saopaulofc.net

PROJETO ESCOLA O São Paulo Futebol Clube criou este projeto em 1986 e já recebeu cerca de 780.000 mil visitantes

ATENDIMENTO Escolas estaduais, municipais, particulares, escolinhas de futebol, entidades assistenciais, clubes e agências de turismo, entre outros

LOCAIS VISITADOS Um monitor do clube acompanha o passeio que inclui o Memorial e Estádio do Morumbi. Há ainda um serviço de tour pelo Morumbi aos turistas nacionais e internacionais

VISITAÇÃO As datas das visitas são previamente marcadas pelo Departamento de Marketing por meio dos telefones
(0xx11) 3749-8065 ou 3749-8066



Suando a camisa tricolor: o craque durante uma sessão de exercícios em campo

SUPER-M



Com o auxílio de um programa científico desenvolvido pelo São Paulo Futebol Clube, o maior craque tricolor da atualidade ganhou 11 quilos de massa muscular em aproximadamente um ano e meio de trabalho

Por Carlos Mesquita
Fotos Rubens Chiri

Não é de hoje que o futebol exige muito da parte física dos atletas. A técnica e a arte passaram a necessitar de outros elementos ao seu lado, como força e agilidade. Para desenvolver tais características, entrou em campo a medicina esportiva. Com o somatório desses elementos, a equação do sucesso físico do desportista moderno, em tese, foi resolvida.

Um dos casos mais bem-sucedidos da atualidade é o do camisa oito do Tricolor do Morumbi, o craque Kaká. Em cerca de um ano e meio de tratamento, que já foi concluído, ele ganhou 11 quilos de músculos. O programa de Kaká, agora em fase de manutenção, começou em 2001, quando ele foi promovido ao futebol profissional. Nessa época, já havia parado de crescer, condição primordial para qualquer jogador ser iniciado no processo.

O trabalho foi dividido em duas etapas. Na primeira, Kaká desenvolveu mais a potência muscular das pernas. "Ele tinha uma musculatura aquém do necessário para o biótipo dele. No primeiro ano, Kaká ganhou massa muscular no membro inferior", diz Turíbio Leite de Barros, professor de fisiologia

do exercício da Escola Paulista de Medicina.

Com o desempenho um pouco melhor, ele deslançou nas competições que disputava. Em virtude disso, seus adversários começaram a marcá-lo de forma mais vigorosa, transformando-o em constante alvo de choques violentos.

A partir desse momento, foi estabelecida a segunda fase, que durou todo o ano de 2002. "Nessa etapa, deveríamos lhe dar uma estrutura mais forte de tronco e membros superiores para que ele pudesse proteger-se mais", afirma Turíbio.

EQUILÍBRIO MUSCULAR

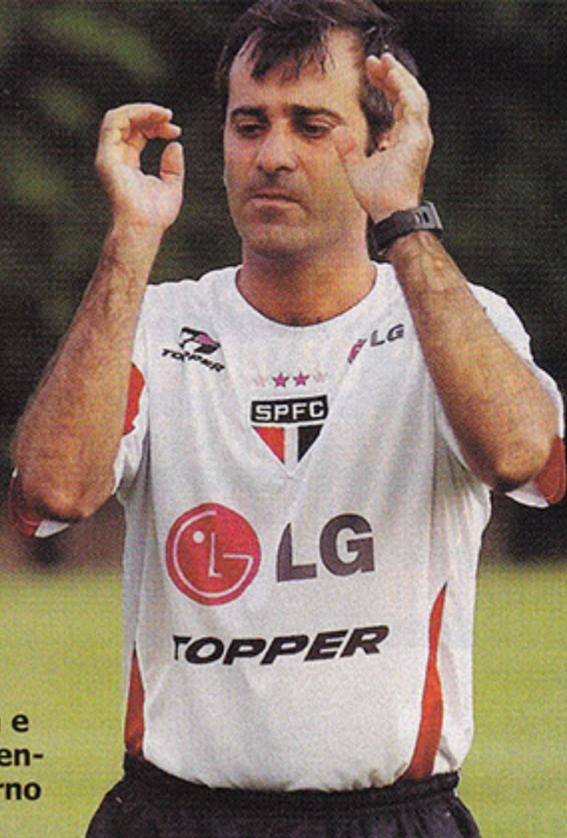
O músculo que precisa ficar mais forte necessita de mais massa. Para manter as características de cada movimento, foi dado um aumento de força em determinado grupo muscular e outro equivalente no antagonico. "Se você fortalece o quadríceps, músculo anterior da coxa, tem de fazer o mesmo com os isquiotibiais, que são os posteriores".

O jogador só irá perder suas características natas quando for modificado esse equilíbrio de forças, que é o fator responsável por ele ter a agilidade, a técnica e a perfeição do gesto esportivo. "O desafio era aumentar a força,

KAKÁ

"Quando eu via que iria ficar um pouco cansado, reduzia. Fazia um pouco menos de musculação. Nunca interferiu. Comecei com pouco peso, mas hoje estou mantendo uma média legal"

KAKÁ



Mahseredjian: para ele força, resistência e velocidade são elementos do futebol moderno

BATE-BOLA COM O PREPARADOR FÍSICO FÁBIO MAHSEREDJIAN

Que tipo de exercício o Kaká teve de fazer para ganhar massa muscular? A parte de cima do corpo era a principal preocupação?

Esse trabalho começou com os professores Sérgio Rocha e Welington Valquer e consistiu principalmente em fazer exercícios nas máquinas de musculação. Aqui conosco, mais na segunda fase, trabalhamos bastante o membro superior. Porque, naturalmente, o inferior era mais exigido. Era preciso desenvolvê-lo no contexto geral. Mas, com o número alto de jogos, não havia como ficar administrando exercícios na parte inferior também.

Com essa musculatura mais avantajada, o atleta pode perder agilidade?

Sim. A grande preocupação é essa. Mas compensamos isso com os trabalhos de campo, nos quais se faz uma série de exercícios objetivando a agilidade, o senso de direção.

O Kaká precisa de mais alguma coisa ou já está no ponto certo?

É difícil determinar qual é o limite fisiológico dele. Pessoalmente, acredito que o Kaká ainda possa ganhar de um a dois quilos de massa corporal. Isso só será percebido se ele continuar aumentando de peso e começar a ficar pesado ou a perder a agilidade.

Nas disputas com os zagueiros, como você está sentindo o Kaká?

Isso também é fruto de amadurecimento técnico. O Edson Cegonha e o Oswaldo de Oliveira principalmente foram ensinando a ele como se proteger e usar melhor o corpo no espaço. Quando domina a bola de costas, o Kaká olha para trás para ver se tem alguém por perto. Durante esse tempo, ele foi treinando e observando a parte técnica. Hoje, pode reparar que, nos aquecimentos, ele toca na bola olhando para trás a fim de ver se tem alguém encostando. E sempre usando os braços. Ele também toma porrada e não cai como antigamente.

É possível desenvolver a característica da explosão num atleta que tem como maior marca a resistência?

É muito difícil. Você até melhora, mas não transforma um em outro. Se aumentar a dose, pode prejudicar esse atleta. Não dá para fazer de um maratonista um corredor de 100m rasos e vice-versa.

O futebol moderno é mais força e velocidade do que técnica?

Acredito que esteja indo por esse lado: força, resistência e velocidade. Sem esse último elemento, não se consegue ganhar. Se administrar só resistência, tende a perder. Tem de ser um time misto. Alguns vão ser velozes. E, a partir daí, é que se vai para as partes técnica e tática. Só com a técnica, também não se chega. Com dez Zidanes no seu time, não se consegue ganhar. Com dez Ronaldinhos, também não. O Zidane é o cara que cadencia mais. Já o Ronaldinho é mais de explosão, velocidade.

Se esse programa não é bem planejado, quais são os riscos que o atleta corre?

O maior risco é o desequilíbrio muscular. Principalmente do membro inferior. O anterior é muito mais forte que o posterior. Aí você começa a ter lesões de adutores ou de músculos posteriores da coxa. Outro risco que se pode ter, mas não é consenso científico ainda, é esse tipo de contusão do Ronaldinho. Quer dizer, você tem uma massa muscular anterior muito forte, o que provoca uma tensão muito grande no tendão patelar, podendo até rompê-lo, como foi no caso dele. Eles não conseguem afirmar que foi essa a causa específica de romper o tendão patelar. Isso é uma hipótese. Estamos lidando com ciências médicas e não exatas.

“Esse programa pode aumentar, sim, a vida útil do atleta. Desde que ele se cuide fora do campo. O Kaká é um exemplo: não bebe, não fuma, não é de noitadas, é regrado e se alimenta bem”

FÁBIO MAHSEREDJIAN

mantendo o mesmo equilíbrio muscular”, revela Dr. Turíbio.

Durante todo esse tempo, Kaká teve uma rotina de exercícios extra-campo. Bastante disciplinado, ele chegava uma hora antes ou ia embora uma depois do treino para poder desempenhar suas atividades. Todas elas eram feitas basicamente nas máquinas de musculação. “Esse trabalho visava à hipertrofia muscular, que é o aumento da massa. Depois da fase de adaptação, ele passou a fazer exercícios com cargas altas, mas com poucas repetições”, explica Fábio Mahseredjian, preparador físico do São Paulo Futebol Clube.

Para desenvolver os membros superiores, Mahseredjian submeteu o meia são-paulino a testes de carga máxima antes de iniciar os treinos. “Ele agüentava levantar um determinado peso. Então calculávamos o percentual dessa carga máxima e trabalhava com 90% dela”, explica.

Muitas pessoas pensam que o ganho de massa implica perda de velocidade. Esse raciocínio, porém, está errado. Com a aquisição, o jogador fica mais veloz. “É só traçar uma analogia com os corredores de 100m rasos. Eles têm grande massa muscular. Compare-os com os mara-

tonistas? Quem tem mais massa muscular?”, questiona Mahseredjian.

RESISTÊNCIA OU EXPLOÇÃO?

Geralmente, os jogadores de futebol são divididos entre aqueles que têm resistência e os que possuem explosão. Ronaldinho, atacante do Real Madrid e da seleção brasileira, apresenta a segunda característica.

Apesar de ter tido durante uma época as duas, na Copa do Mundo de 2002 Cafu apresentou uma resistência muito maior do que o outro fator.

Já o craque tricolor foi agraciado pela genética. “Nos índices fisiológicos, tanto a resistência quanto a explosão dele são elevadas. Trata-se de um jogador completo. É difícil acontecer isso no futebol”, revela Mahseredjian.

Visualmente, a região do membro superior de Kaká está mais forte. O craque teve um aumento de peso corporal, mas seu percentual de gordura permaneceu estacionado em 9% por todo o tempo de tratamento. Dentro de campo, as mudanças também são evidentes a olho nu. “Estou agüentando aquela marcação mais dura. A minha arrancada melhorou muito, o que tem me ajudado bastante”, diz

CURIOSIDADES

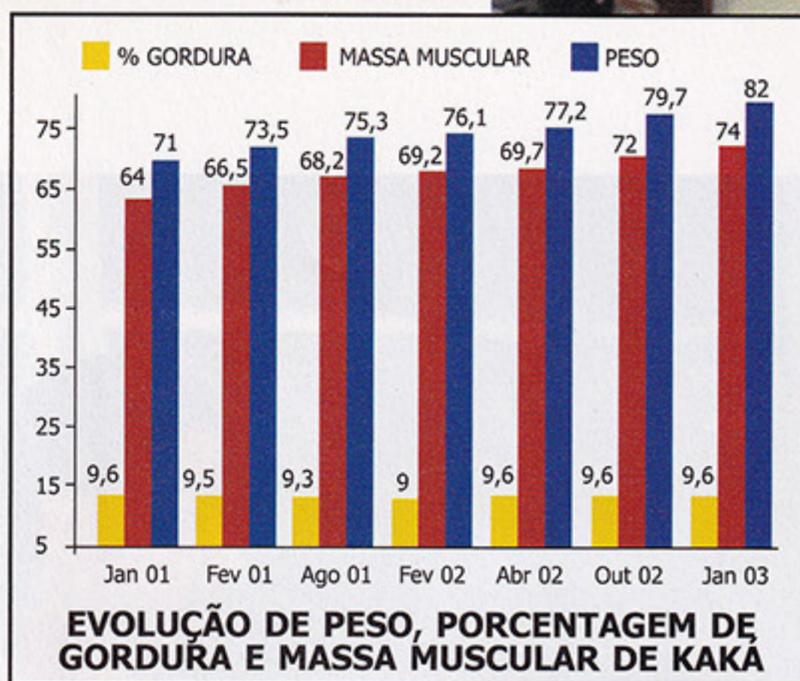
GENÉRICO, SIM. MAS ESPECÍFICO - Esse programa científico, apesar de seguir preceitos gerais, leva em consideração o perfil de cada atleta. Hoje, a medicina esportiva trabalha com as peculiaridades dos jogadores

O PRIMEIRO CASO - Um dos primeiros casos do gênero data dos anos 70, quando Zico, camisa 10 do Flamengo e da seleção brasileira, teve de passar por um processo de fortalecimento muscular. Como todo craque, ele sofria com seus marcadores impiedosos

CREATINA - Agente nutricional que ajuda na aquisição de massa muscular. Trata-se de um aminoácido modificado. Em última análise, é um produto proveniente de proteína encontrado em qualquer tipo de carne

FIBRAS DE CONTRAÇÃO RÁPIDA

Elas são típicas de velocistas e geram, além obviamente da velocidade, força e explosão. No elenco tricolor, Luís Fabiano é um bom exemplo de jogador com essas características. “Por conta disso, ele



Apesar da rotina de jogador, o atleta também fez fortalecimento nas pernas

o próprio atleta.

Segundo o fisioterapeuta do clube Ricardo Sasaki, o atleta está muito mais seguro. "É lógico que tem o aspecto experiência, mas ele tem uma estrutura melhor para usar o corpo e agüentar pancada".

Em termos de ganho de massa muscular, Sasaki afirma que o jogador está no ponto ideal. "Se passar disso, na minha avaliação, ele vai começar a se sentir pesado".

ALIMENTAÇÃO

Nesse quesito, Kaká seguiu a programação da nutricionista. Segundo ele, não teve nada de especial. De diferente mesmo só a ingestão de creatina, espécie de aminoácido modificado presente em qualquer tipo de carne. Entretanto, para utilizá-la, foi desenvolvido um procedimento científico que determinou a quantidade a ser consumida e por quanto tempo deveria ser ingerida. "O indivíduo que faz um desenvolvimento muscular cria uma necessidade maior de creatina do que quem não faz. Para satisfazê-la, precisaria consumir uma quantidade de carne muito superior à recomendada do ponto de vista nutricional. Por isso, é que se criou a opção de usá-la isoladamente", explica o doutor Turíbio. Além dessa substância, Kaká também consumia barrinhas de géis de carboidrato.

demora mais para se recuperar depois de um arranque. Posso pedir que ele volte rápido, mas não que fique indo e voltando", diz Fábio Mahseredjian

FIBRAS DE CONTRAÇÃO LENTA

A maior característica do atleta que as possui é a resistência. Os maratonistas são um bom exemplo para este caso. Elas não ajudam na hora dos arranques. Na equipe do Tricolor do Morumbi, o meia Ricardinho apresenta esse tipo de fibra

BATE-BOLA COM KAKÁ

É verdade que, na época dos juniores, você chegava a perder lugar no time por conta de seu porte físico?

Nos juniores, não cheguei a ter esse problema. No infantil, sim. Eu tinha dois anos de atraso na minha idade óssea. Eu era pequeno e magrinho.

Você fez exercícios físicos diferenciados? Que tipo? O trabalho na parte superior do corpo foi mais pesado?

Fiz mais academia, musculação mesmo. Também fiz borrachinha, trabalho de tração no campo e agilidade. Eu precisava desenvolver tudo, membros superior e inferior. Mesmo jogando todos os dias, tive de fazer esse fortalecimento no membro inferior.

Quanto tempo por dia você se dedicava a esse treino específico?

Fazia uma hora, uma hora e meia. Já o trabalho de campo dava uma meia hora no máximo.

Como você está se sentindo hoje?

Sinto uma diferença fundamental. Ainda mais agora que estou sendo mais marcado, mais visado.

Você perdeu agilidade?

Não. Mas isso era a maior preocupação. Tudo o que estou ganhando, consigo transformar. Não estou ficando lento, pesado. Pelo contrário, estou ficando rápido, ágil.

Esse ganho de massa muscular o deixou mais corajoso na hora de disputar as bolas?

No aspecto psicológico, não. Mas, para trombar, agora trombo e fico em pé. Antes eu trombava e caía. Por esse lado, ficou bom.

Atualmente, o futebol é bastante força e agilidade. Isso não pode acabar com o brilho, o futebol-arte?

Espero que não. Hoje, a gente tem de ir adaptando: aquele que tem qualidade e habilidade vai incrementando a marcação e a força. Assim, acrescenta-se algo mais. Mas o futebol-arte não vai acabar, não.

Júlio Baptista (à esq.) é um exemplo de atleta que foi privilegiado pela genética. Embora seu porte físico seja avantajado, ele nunca precisou de exercícios extra-campo. Já Kaká, depois de ganhar 11 quilos de massa muscular, ficou mais vigoroso nas disputas de bola, além de suportar melhor a marcação pesada a que vem sendo submetido cada vez mais





Para Sasaki (à dir.), Kaká não precisa ganhar mais massa muscular: "Se ele passar disso, vai começar a se sentir pesado"

BATE-BOLA COM O FISIOTERAPEUTA RICARDO SASAKI

Como foi o trabalho que você desenvolveu com o Kaká?

O primeiro contato que tive com o Kaká foi em 1997. Achava que ele era um jogador de grande potencial técnico. Mas era mirrado, baixo, muito franzino. Com relação ao crescimento, foram feitos uns exames e comprovado que ele iria crescer mais e que a genética iria ajudar por causa do tamanho do pai e a da mãe dele. Na época do Vadão, ainda não se havia preconizado nada de fazer um trabalho muscular. Mas ele veio para cá bem magro e cumpridão. Hoje, até brincamos com isso porque, naquela final do Rio-São Paulo de 2001, ele próprio diz que vê a camisa superlarga nele mesmo. Então, a partir daqueles jogos, é que foi feito um trabalho. Pelo fato de o Kaká nunca ter feito musculação na vida, esse programa foi a longo prazo.

Qual a sua avaliação do Kaká de hoje?

Está numa fase de manutenção. De pensar em ganho de massa muscular, chegou ao final. Se ele passar disso, vai começar a se sentir pesado. Tem a outra parte que é a de avaliação do Turíbio, do Fábio e até mesmo do Oswaldo. A minha valorização fica em relação a você ter uma massa muscular maior e prevenir algumas lesões dele. Por isso que, para trabalhar com o Kaká, foi desenvolvido um processo com todo o grupo. Para todo mundo poder discutir e a gente chegar a um ponto ideal para ele.

Cada jogador tem uma especificidade, como vocês trabalham isso?

O Wellington Valquer fez um trabalho que consistia em marcar toda a movimentação do atleta durante a partida. Ele sabe exatamente quantos piques o jogador dá, quanto anda de costas, quanto se desloca lateralmente e a movimentação específica de jogo. Ele me passa quantos piques desse o atleta dá durante a partida. Com essas informações, monto meu programa de reabilitação. Cada jogador, dependendo da posição, tem suas características e ele me passa justamente esse perfil. O Luís Fabiano, por exemplo, é diferente do França. Na hora de reabilitar o atleta, por mais que ele tenha qualquer tipo de lesão, no tornozelo, no joelho ou uma dor nas costas, tenho de deixá-lo sempre num ponto para ele voltar e fazer aquela função dentro de campo.

"O Kaká é um cara muito dedicado. Treinamento, ele procura fazer todos. Você vê que ele executa tudo até o final"

RICARDO SASAKI

ATLETAS QUE FAZEM O PROGRAMA CIENTÍFICO - O lateral-direito Leonardo Moura está começando a fazer esse programa científico. Outro que vem desenvolvendo os músculos é o zagueiro Júlio Santos. O goleiro Márcio, terceiro reserva do Tricolor, fez e ganhou cerca de dez quilos de massa. Do futebol de base, o principal caso hoje no SPFC é o do irmão de Kaká, o zagueiro Rodrigo, de 17 anos. Digão, como é conhecido no clube, iniciou seus trabalhos em setembro do ano passado

O QUE É HIPERTROFIA? - É o aumento da massa muscular

BARRAS DE PROTEÍNAS COM CARBOIDRATOS - Elas prometem repor a energia gasta durante os exercícios e facilitam a aumento da massa muscular. Seu tempo de absorção vai de uma hora e meia a duas

BARRAS E GÉIS DE CARBOIDRATOS - As barras e os géis de carboidratos fornecem energia rapidamente durante ou após uma forte atividade física.

O tempo de absorção das barras é de 20 a 40 minutos; já o dos géis, de 15 a 20 minutos

ISOTÔNICOS - Eles hidratam o organismo e repõem os sais minerais perdidos durante os exercícios físicos. Seu tempo de absorção é de 14 minutos. A água leva aproximadamente o mesmo tempo para ser absorvida. A diferença é que ela não possui sódio nem potássio nas quantidades necessárias para restituir o que o corpo perdeu

“A gente não vê nenhuma vantagem de torná-lo mais forte do que ele está. Do ponto de vista físico, diria que o Kaká é hoje um jogador pronto”

TURÍBIO LEITE DE BARROS

BATE-BOLA COM O FISILOGISTA TURÍBIO LEITE DE BARROS

O atleta fica exposto a algum tipo de lesão fazendo esse programa científico?

Não. Pelo contrário. Quando o resultado é esse desenvolvimento muscular de forma equilibrada, o atleta fica mais protegido contra contusões. É evidente, pela própria lei da física, que, se você tem um atleta que se torna mais forte, é claro que ele vai saltar mais alto, correr mais rápido. E assim, fisicamente, está sujeito a um choque mais violento por força de ter se tornado um jogador com força muscular maior. Mas isso é fruto do imprevisível. Do ponto de vista orgânico, não. É sempre um fator de proteção você ter uma musculatura mais desenvolvida.

A estrutura física de um atleta pode não suportar o crescimento muscular dele?

Aqui no SPFC, não. Porque tudo tem de ser feito dentro de um objetivo a ser atingido. Por isso, nunca vamos além disso. Você não pode passar do limite de segurança estabelecido para que não haja uma situação em que se desenvolva demais um músculo em detrimento de outro. Então esse músculo passaria a ser um fator sem equilíbrio necessário dos demais componentes do aparelho locomotor.

O que o senhor destaca nesse trabalho do Kaká?

O fator mais importante nesse resultado que ele obteve foi a determinação. É difícil um atleta - que está integrado num programa no qual ocorrem dois jogos por semana e treinamentos quase todos os dias - fazer um trabalho individualizado sem prejudicar o próprio treino de que ele precisa. Nesse momento, entrou o ingrediente do senso de profissionalismo do jogador. Acredito que o Kaká seja o maior exemplo para todo garoto que pretende chegar a uma posição de destaque. Com isso, ele mostrou que ninguém consegue nada sem uma dose de sacrifício. E o Kaká, até por ser muito jovem e estar sofrendo todo esse assédio, teria todos os apelos para fazer o contrário do que fez. Mas, apesar de tudo isso, sempre priorizou esse trabalho.

Esse procedimento passa a

ser comum no ambiente dos grandes clubes?

A intenção, muitas vezes, existe. Mas a execução é que não é um negócio simples por várias razões. Primeiramente, o mais importante é a consciência do atleta. De nada adianta o clube ter a pretensão de fazer um trabalho desse sem que o jogador não se torne o mais determinado e interessado. Por outro lado, é preciso ter uma estrutura. E o SPFC a tem, assim como equipamentos que permitem fazer esse trabalho com bons resultados. Também possui uma equipe profissional de apoio. E não é todo clube que reúne esses ingredientes e, sobretudo, que tem um Kaká com essa consciência profissional.

Esse tratamento prolonga o tempo de vida útil do atleta como profissional?

Diria que pode prolongar na medida em que ele se proteja mais. Porque a gente sabe, por vivência, que a vida útil de um atleta depende mais de ele ter a carreira esportiva sem nenhuma lesão muito grave. Se ele consegue se proteger disso, certamente prolonga sua vida profissional.

O irmão do Kaká, o Rodrigo, que é zagueiro, começou a fazer esse trabalho no final do ano passado. Como está o caso dele?

O Rodrigo está passando a vir agora duas vezes por semana aqui ao Centro de Treinamento. Temos

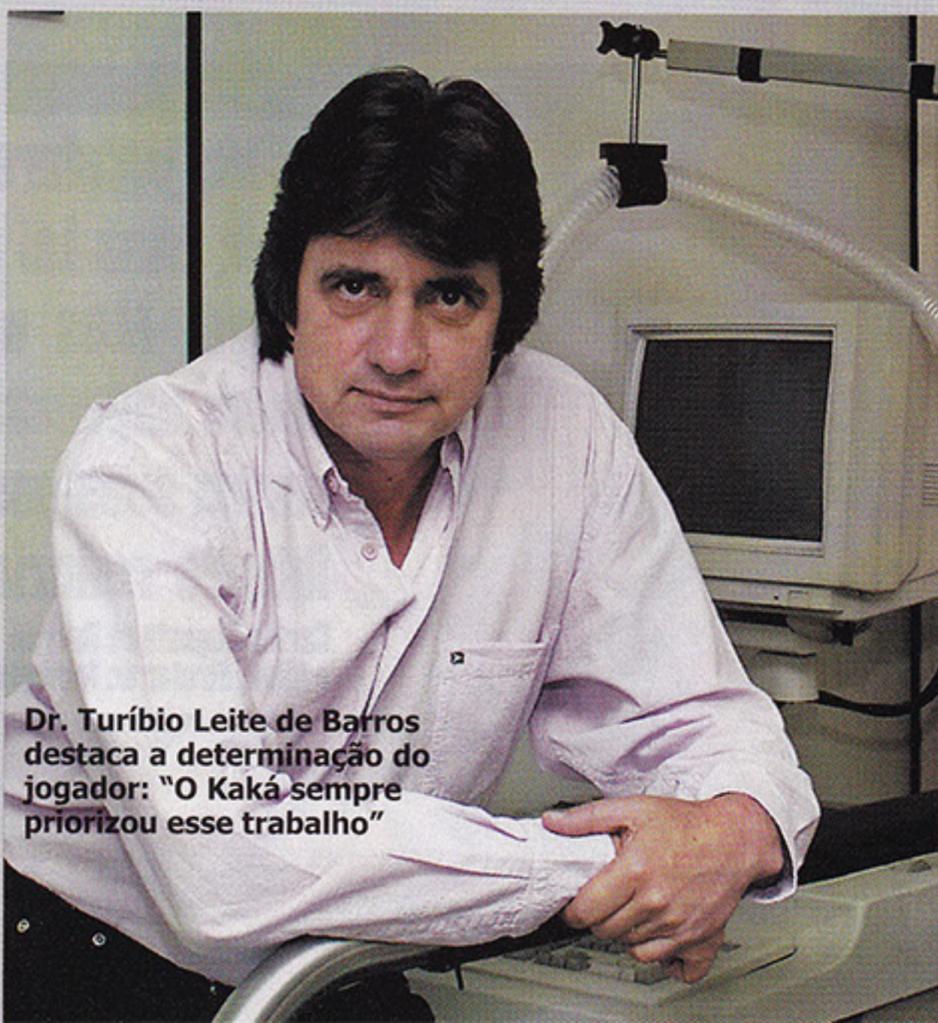
ainda a dificuldade de fazer um trabalho mais intensivo porque ele treina em Barueri com o grupo do futebol de base. Mas já conseguimos um entendimento com a comissão técnica de lá para ele e mais um garoto virem para cá fazer esse trabalho.

O Kaká ainda tem alguma coisa para desenvolver ou ele está no ponto certo?

Fisicamente, ele tem todos os elementos para deslanchar dentro da carreira. Diria que não há mais nenhuma preocupação, do ponto de vista físico, com ele. Agora, é só manter o que foi conseguido.

Dá para afirmar que existe pressão sobre os médicos no sentido de eles buscarem alternativas para que atletas evoluam fisicamente com rapidez? Isso não representa um perigo à carreira dos próprios jogadores?

Não sei se isso é uma característica que a gente possa dizer que é do futebol. O que vejo no Brasil é um pouco de ansiedade a esse respeito. Os empresários, quando detectam um garoto com potencial, querem logo transformá-lo num jogador completo antes de ele amadurecer fisicamente como atleta. Isso é uma pressão que a gente constata que existe. Não no SPFC. Porque o jogador é preparado para deslanchar aqui dentro, para ser um atleta do clube e não para ser vendido antes de se tornar um profissional com destaque.



Dr. Turíbio Leite de Barros destaca a determinação do jogador: “O Kaká sempre priorizou esse trabalho”

Presente de grego

Nos clubes pequenos e entre jovens atletas de origem humilde - justamente aqueles a quem a nova regulamentação pretendia defender -, ainda hoje existem muitas dúvidas sobre como agir frente à nova realidade do futebol brasileiro

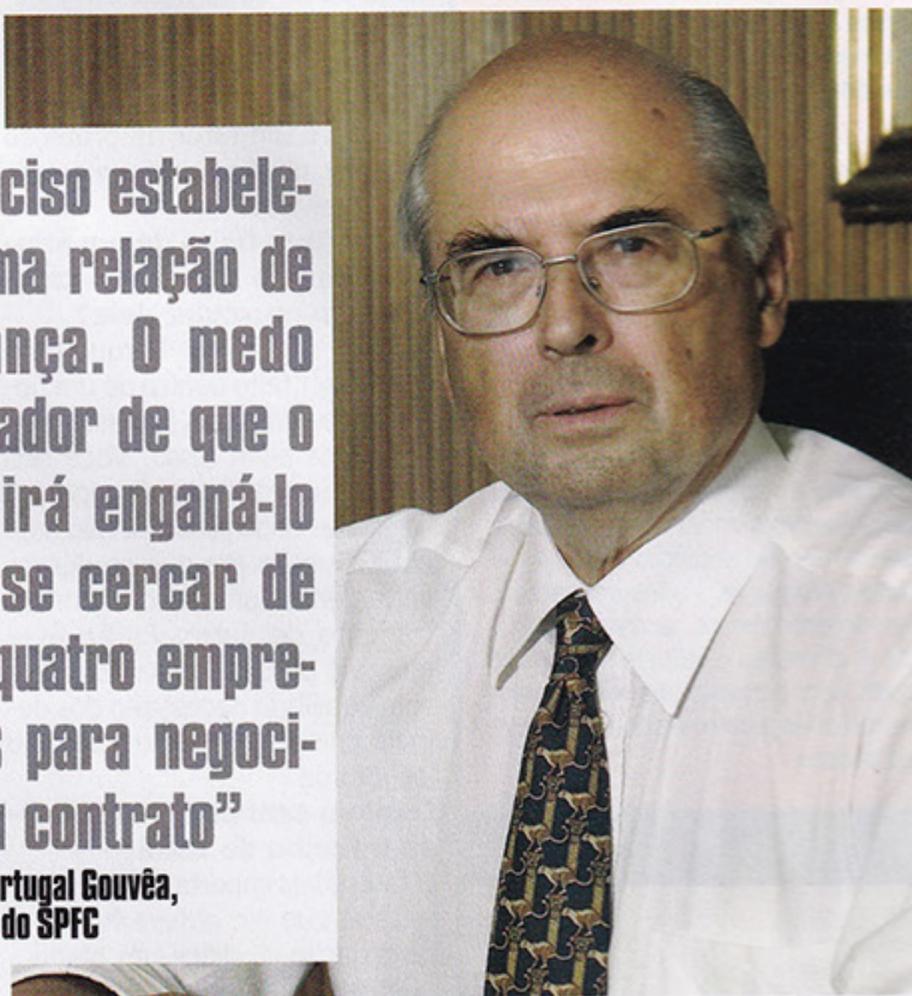
Por I.C. Martins

O fim da Lei do Passe era para ser a alforria dos jogadores. Por ocasião da extinção desse instrumento que norteava as relações entre clubes de futebol e jogadores, em março de 2001, o fim da era do passe foi saudado como uma verdadeira abolição da escravatura dos atletas. Mas, passados dois anos da implantação dos direitos federativos como forma de relações de trabalho no futebol, ainda não convenceu. E os jogadores, teoricamente alvo principal dos benefícios da nova lei, estão entre os maiores prejudicados. Ganham um autêntico presente de grego. Os atletas, principalmente os em início de carreira e aqueles que não pertencem à elite do esporte, acabaram lesados com as mudanças. "Foi uma imposi-

ção do legislador. Não acabou com a escravidão. Mudou a fórmula", declarou Kalil Rocha Abdalla, diretor jurídico do São Paulo FC. Ele se refere ao grande poder conquistado pelos empresários desde a implantação da regra dos direitos federativos. "A nova legislação poderia ter melhorado essa relação de trabalho. Mas isso não aconteceu", avaliou. "Essa mudança valorizou meia dúzia de jogadores. O jogador que não agrada ao time, no final do contrato, vai embora e precisa arrumar outro", completou. Até março de 2001, os jogadores tinham

"É preciso estabelecer uma relação de confiança. O medo do jogador de que o clube irá enganá-lo o faz se cercar de três, quatro empresários para negociar seu contrato"

Marcelo Portugal Gouvêa, Presidente do SPFC

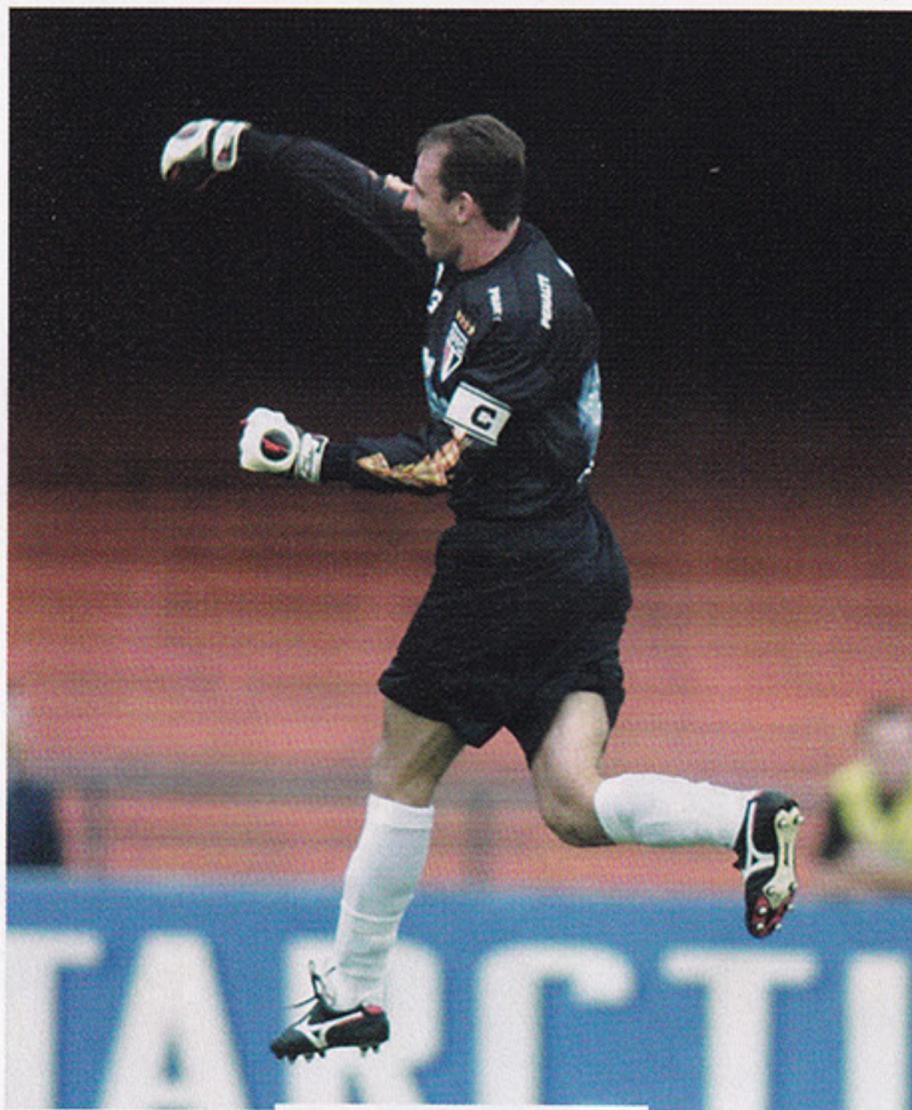


"Para jogadores de valor, essa Lei é positiva. Mas os de pouca expressão tiveram suas possibilidades reduzidas"

Carlos Augusto de Barros e Silva, diretor de futebol do SPFC

seus passes presos aos clubes. Quando os contratos venciam, caso não houvesse acordo entre as partes, o craque era posto à venda. Muitas vezes, o preço arbitrado era fora de propósito, prejudicando o atleta. Hoje, vencido o contrato, a renovação somente se dará se houver o desejo de ambas as partes. Muitas são estipuladas para o caso de haver interesse no encerramento do acerto antes de seu vencimento. A intenção até que é boa. Mas ocorre que os empresários ocu-

param um grande espaço nessa negociação e assumiram a posição que até o fim da Lei do Passe era ocupada pelos clubes. Negociam com os atletas os chamados direitos federativos e tudo permanece muito parecido com o que havia antes da nova legislação. Bebeto de Freitas, atual presidente do Botafogo do Rio, clama por mais transparência nas novas regras, que considera ainda nebulosas. "A Lei precisa ficar mais clara e mais justa para aqueles clubes que investem na revelação de jogadores. É preciso proteger essas agremiações", disse. Ele lembra que hoje a única forma de o



“O maior prejudicado com o fim da Lei do Passe foi o atleta”

Rogério Ceni, goleiro

clube conseguir ter de volta aquilo que investiu nas categorias de base é assinar contratos mais longos com os jovens atletas. “E, para isso, é necessário apostar”, declarou o ex-jogador e ex-técnico de vôlei. O problema, ainda segundo ele, é que nem sempre as revelações acabam se firmando quando são promovidos ao profissionalismo. O diretor de futebol do São Paulo FC, Carlos Augusto de Barros e Silva, também lembra que a salvaguarda dos clubes é o contrato inicial, assinando-se com os atletas saídos das categorias de base acordos de longa duração. “Mas esse tipo de acerto estabelece vínculos que nem sempre dão certo. É a tal aposta”, disse. A saída encontrada pelo São Paulo foi assinar com seus craques um tipo de contrato que abrigue uma cláusula de renovação automática que será decidida unilateralmente pelo clube. “Foi assim que fizemos com o Ricardinho. Ele assinou por quatro anos, sendo que, ao final dos dois primeiros, poderemos rescindir o

acordo”, comentou. De acordo com ele, dessa forma o atleta não se acomoda e o clube pode negociar aqueles que não corresponderem tecnicamente.

A nova realidade vivida pelo futebol, sem que os clubes

detenham o passe dos atletas, exige dessas entidades uma adaptação. “Os clubes tiveram um prazo para se adaptar. A grande maioria não acreditou que houvesse a mudança. E, por isso, não se preparou adequadamente”, avaliou Marcelo Portugal Gouvêa, presidente do São Paulo FC. Para o dirigente tricolor, será importante estabelecer uma relação de confiança entre o jogador e o clube. “Isso hoje não existe. O medo do jogador de que o clube irá enganá-lo o faz se cercar de três, quatro empresários para negociar seu contrato”, disse, referindo-se à invasão de empresários nos bastidores do futebol.

O goleiro e artilheiro tricolor Rogério Ceni não tem a menor dúvida: “O maior prejudicado com o fim da Lei do Passe foi o atleta”. Ele não crê que os clubes

CASO BOSMAN DEU ORIGEM A TUDO

Em 15 de dezembro de 1995, acabou na Europa a Lei do Passe para jogadores de futebol. Naquela data, o Tribunal de Justiça da Corte Européia decidiu que o sistema então vigente de transferência de atletas entre clubes não era compatível com a legislação da União Européia. Naquele continente, prevalece a liberdade de circulação de trabalhadores entre todos os países integrantes da comunidade. A decisão foi provocada por causa do jogador belga Jean-Marc Bosman. (foto ao lado)



REPRODUÇÃO

O atleta atuava pelo Liège, em seu país. Em 1991, o clube apresentou-lhe proposta de renovação de contrato com significativa redução salarial. Mas o jogador, que tinha uma proposta melhor de um time francês, não topou o acerto que lhe diminuiria o salário. Então os dirigentes do clube belga, para impedir a saída dele, pediram um elevado preço por seu passe, inviabilizando a transação.

Entretanto, Jean-Marc não se conformou, levando adiante aquele que seria conhecido como o ‘Caso Bosman’. Brigou na Justiça durante cinco anos. Vitorioso nos tribunais, Bosman ajudou a mudar de maneira importante as relações clube/atletas na Europa, inspirando também modificações em outras regiões do mundo.

O fim do passe na Europa provocou uma enorme rotatividade de jogadores nas equipes. O caso do africano Kaba Diawara é um exemplo clássico desse incrível troca-troca de clubes: em dois anos, ele defendeu sete agremiações. Por isso mesmo, algumas adaptações já foram feitas nas regras e outras estão sendo estudadas como forma de minimizar as conseqüências negativas dessa legislação.

TEMA GANHOU DEBATE NO BRASIL EM 1994

Um debate promovido em 1994 pelo Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo na Pontifícia Universidade Católica (PUC) desencadeou no Brasil a discussão sobre as relações trabalhistas entre clubes e jogadores profissionais de futebol.

No ano seguinte, com a nomeação de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, para o Ministério Extraordinário dos Esportes, a Lei do Passe passou a ser um dos pontos mais discutidos entre as propostas de uma nova legislação esportiva para o Brasil. Finalmente, em 26 de março de 1998, com a sanção da ‘Lei Pelé’ pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, a Lei do Passe ganhou data para ser extinta: 26 de março de 2001.

O prazo de três anos estabelecido pelos legisladores para a entrada em vigor das novas regras de transferência de jogadores não foi o suficiente para uma melhor adaptação de atletas, clubes e entidades dirigentes às novas determinações. Nos clubes pequenos e entre jovens atletas de origem humilde - justamente aqueles a quem a nova regulamentação pretendia defender - ainda hoje existem muitas dúvidas sobre como agir frente à nova realidade.

Pelas atuais regras, o clube que forma o atleta tem direito a uma indenização para liberar o jogador que com ele tiver assinado o seu primeiro contrato profissional. O mesmo clube terá a preferência no caso de renovação. Essa agremiação poderá pedir uma indenização de até 200 vezes o seu salário anual, caso haja um contrato em vigência. Até seis meses após o fim do contrato, a indenização cai para 150 vezes o salário do atleta. Após esse prazo, o clube perde os direitos compensatórios. O primeiro contrato profissional de um atleta somente poderá ser assinado aos 16 anos de idade e terá duração máxima de cinco anos.

Com a atual legislação, a relação entre clubes e jogadores fica regulada por contratos. Existe a figura da multa pelo rompimento do acordo e pelo não cumprimento de cláusulas acertadas, inclusive as relativas aos prazos de pagamento dos vencimentos. Com o fim da Lei do Passe, as agremiações perderam uma substancial fonte de rendas, ficando também sem os mecanismos que utilizavam para recuperar os investimentos feitos na formação de novos atletas.

tenham razão ao reclamarem de prejuízo com a implantação da nova legislação. "Para os clubes e os empresários ficou bem. Não se pode falar em prejuízo. Se os clubes não têm mais jogadores para vender, também não precisam mais comprar", argumentou. Na opinião de Rogério, os clubes não precisam mais investir milhões em novas contratações. "Ficou bom também para os jogadores de destaque. Mas esses não passam de dez no País. Para os demais, acabou o contrato vão ganhar dispensa", declarou. Barros e Silva avalia as novas relações estabelecidas com a implantação do direito federativo com boa dose de otimismo. "Não adianta olhar só o lado ruim, analisando apenas a perda de patrimônio do clube. Existem outros aspectos", avaliou o dirigente. "Para jogadores de va-



"Os maiores beneficiados foram os empresários, jogadores e advogados"

Benjamin Back, radialista

lor, essa Lei é positiva. Mas os de pouca expressão tiveram suas possibilidades reduzidas", disse. "Em tese, filosoficamente, a mudança é boa". Ele reconhece que houve um crescimento na importância da figura do empresário. "Não há como ser diferente. Em todas as negociações eles estão presentes", considerou.

PASSE É TEMA DA IMPRENSA

"O fim da Lei do Passe era algo necessário", decretou o jornalista Alberto Helena Jr. considerando aquela figura legal como "moralmente inaceitável".

Mas ele defende os clubes que mantêm uma preocupação com as categorias de base e a formação de jogadores. "Com as alterações nas regras, mais profissionalismo será exigido dos clubes. Mas é preciso que se olhe para os direitos dos times formadores de craques", explicou. Como exemplo, ele cita o caso do atacante tricolor Kaká, formado nas categorias de base do Morumbi. "O São Paulo investiu nele e não pode ter prejuízo. Mas o jogador não é mais patrimônio dos times e isso vai exigir uma adaptação por parte das entidades esportivas", concluiu.

O tema 'Lei do Passe' e o crescimento de importância dos empresários foram alvo de uma recente série de reportagens publicadas pelo jornal *Diário De S. Paulo*, de autoria dos jornalistas Gilvan Ribeiro e Mateus Silva Alves. As opiniões são as mais diversas. Carlos Miguel Aidar, presidente da OAB, considera positiva a intermediação nos negócios e contratos por intermédio de empresários. "É um mal necessário", disse. Já o jurista e presidente do conselho consultivo do São Paulo, Ives Gandra Martins, tem pensamento oposto: "A nova lei simplesmente

tirou os jogadores dos clubes e os repassou para os empresários", avaliou. Na mesma série de reportagens, o empresário Márcio Rivelino – filho do ex-jogador da seleção brasileira – defende a importância de sua profissão. "Invisto mais em atletas em início de carreira do que os próprios clubes e corro o risco de não conseguir retorno", afirmou a Gilvan Ribeiro. Já Reinaldo Pitta, o descobridor de Ronaldinho, alerta para a existência de uma máfia

"A nova lei simplesmente tirou os jogadores dos clubes e os repassou para os empresários"

Ives Gandra Martins, jurista



internacional que está de olho nos jovens talentos brasileiros "e fica à espera de conflitos financeiros de jogadores com seus clubes para contratá-los sem pagar quase nada".

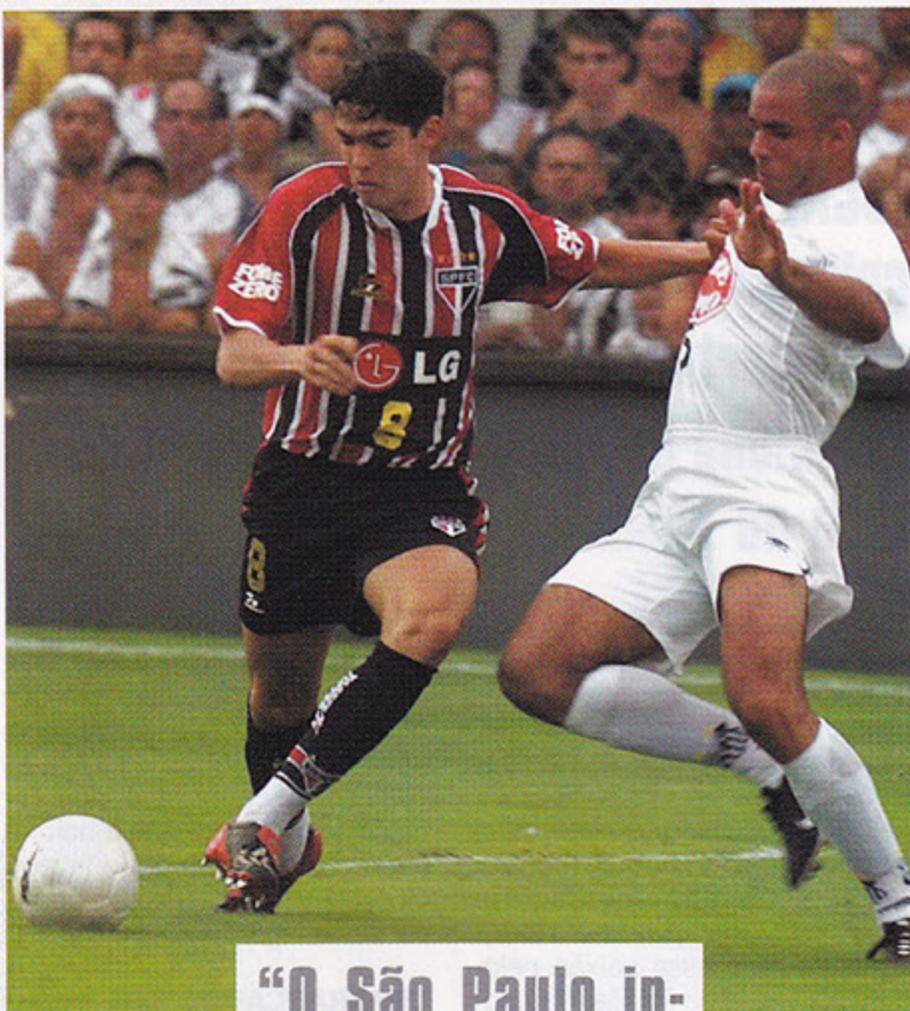
O radialista Benjamin Back, gerente de projetos especiais da Energia 97 FM e colunista do jornal *Lance*, não tem nenhuma dúvida sobre quais são os que lucraram com as mudanças. "Os



Portuguesa Santista: muitos atletas nas mãos de um único empresário

A FORÇA DOS EMPRESÁRIOS

Com a extinção da Lei do Passe, a figura do empresário passou a ser peça chave no ambiente de muitos clubes considerados de médio e pequeno porte. Times como Portuguesa Santista e Ituano, em São Paulo, possuem hoje em seu plantel mais de uma dezena de jogadores com os direitos federativos pertencentes a empresários.



FOTOS RUBENS CHIRI

“O São Paulo investiu no Kaká e não pode ter prejuízo. Mas o jogador não é mais patrimônio dos times e isso vai exigir uma adaptação por parte das entidades esportivas”

Alberto Helena JR., jornalista

maiores beneficiados foram os empresários, jogadores e advogados”, opinou. Ele crê que os clubes tenham ficado numa situação frágil quando um determinado jogador, sob contrato, sofre o assédio de outra agremiação. “Nesse caso, ou ele entra no leilão para ficar com o atleta ou vai embora mesmo”. Mas o que Back mais tem estranhado é o surgimento de novas estrelas no futebol fora dos gramados. “É engraçado que empresários e advogados hoje têm mais espaço nos noticiários esportivos do que muitos jogadores por aí”, disparou. Back considera normal o fato de que apenas os jogadores de maior destaque tenham lucrado com o fim da Lei do Passe. “Em qualquer segmento profissional, os melhores se dão bem. E com razão”, justificou. Para ele, os clubes do interior não irão sofrer

maior ou menor prejuízo por conta das novas regras. “Afinal, a maioria deles está arrendada para empresários”, revelou. Para Helena Jr., com o fim das receitas produzidas pela venda de jogadores, os clubes terão de criar outros mecanismos para se manterem. “Será preciso olhar para mais longe do que apenas para as arquibancadas. O São Paulo, por exemplo, tem alguns milhões de torcedores. A maioria nunca foi a um estádio. É preciso criar uma relação com esse universo de torcedores e potenciais consumidores de produtos relacionados com o clube e gerar renda. O sócio-torcedor tricolor é um bom exemplo do que pode ser feito. O profissionalismo na gestão dos clubes passa a ser uma questão de sobrevivência”, apontou.



O PASSE NO FUTEBOL PROFISSIONAL

Por Carlos Miguel Castex Aidar

A grave crise financeira vivida pelos clubes brasileiros, que tinham na venda de jogadores uma de suas principais fontes de receita, fez renascer as críticas à extinção do passe no futebol.

O instituto, previsto no Brasil pela Lei n.º 6.354, de 1976, consistia no direito de um clube receber indenização pela transferência de seu jogador a outro clube, tanto durante

quanto após a extinção do contrato de trabalho, cabendo ao atleta 15% desse valor. Os critérios para a fixação do passe constavam das resoluções n.º 10/86 e 19/88 do Conselho Nacional de Desporto, sendo que algumas transferências podiam alcançar cifras milionárias, como ocorreu com o são-paulino Denílson, sempre que houvesse alguém disposto a pagar o “preço do craque”.

No entanto, embora constituísse importante fonte de receita para clubes e jogadores, criticava-se o passe por dois motivos: (1) retirava do atleta o direito de escolher onde jogaria, acabando com o que alguns chamam de “liberdade ao trabalho”; (2) transformava sua força de trabalho em verdadeira mercadoria, que podia ser comercializada pelos clubes. Além disso, jogadores de menor expressão ou mesmo os mais velhos viam sua carreira prematuramente encerrada quando o alto valor do passe inibia sua contratação, levando-os à inatividade. As críticas ao passe ganharam repercussão com o caso Bosman, quando o Tribunal da Comunidade Européia reconheceu o direito do jogador belga de transferir-se de clube, sem a anuência do anterior, consagrando a liberdade de transferência do jogador após o término do contrato. Referido precedente logo influenciou a legislação no Brasil que, por meio da Lei Pelé, previu a extinção do passe a partir de 26.03.2001. Em seu lugar foi prevista a cláusula penal, a ser fixada pelas partes, garantindo ao clube uma indenização sempre que seu atleta for comprado por outro ainda durante o contrato. Após seu término, no entanto, o atleta poderia transferir-se livremente sem pagamento de qualquer indenização.

A extinção do passe, pela liberdade que proporciona ao atleta, mereceria todo nosso aplauso não fosse a inconseqüente ausência de preocupação da lei com o clube formador, como é o caso do São Paulo. O texto original do projeto, por mim elaborado, garantia ao clube o direito à percepção de indenização sempre que perdesse um atleta ali revelado. Visava-se, assim, estimular o importante trabalho de base feito nos clubes, que propicia educação, esporte e esperança a muitos “meninos”, além de revelar a maioria dos nossos craques. Vetado, porém, foi tal dispositivo ao ser sancionada a Lei Pelé. Em 2001, tentou-se corrigir o problema, criando as indenizações de promoção e formação para compensar o clube formador. A medida, no entanto, pelas suas imprecisões jurídicas, tornou-se ineficiente e os clubes continuaram a perder jovens talentos para empresários e outros times, sem nada receber pelo longo investimento feito na base.

A Medida Provisória n.º 79, em discussão no Congresso, apesar de todas as imperfeições, tem o mérito de criar uma indenização para o clube formador, tenha esse firmado ou não o primeiro contrato. O projeto, do qual tivemos a oportunidade de participar junto ao Ministério do Esporte, garante ao clube indenização em dinheiro por todo atleta ali formado. Com isso, sem prejuízo à liberdade dos atletas, garante-se nova fonte de receita para os clubes e estimula-se a formação de novos jogadores. Por isso, mesmo que não satisfaça a todos, a proposta aproxima o interesse de clubes e atletas, convergindo para um único consenso: o crescimento do futebol brasileiro.

Carlos Miguel Castex Aidar é Presidente da OAB/SP, ex-presidente da Diretoria (1984/1988), do Conselho Deliberativo (1988/1990) e ex-Diretor Jurídico (1978/1984) do São Paulo F. C., idealizador, fundador e primeiro Presidente do Clube dos 13 (1987/1990), fundador do Instituto Brasileiro de Direito Desportivo – IBDD (2001), consultor jurídico do Ministério dos Esportes ao tempo do Ministro Pelé (1995/1998).

Para maiores detalhes sobre o tema, consulte o site: www.felsberg.com.br/direitodesportivo/artigos.

Herança de família

Ex-assistente de palco do Gugu, a modelo e apresentadora **ALESSANDRA ISCATTENA** diz que é são-paulina desde criança e que, toda vez que assiste a uma partida de futebol no Morumbi, emociona-se olhando o distintivo do time no gramado

Texto Juliana Welling
Entrevista Ana C. Coutinho

Filha de pai são-paulino, neta de são-paulina, irmã e tia de torcedores do São Paulo Futebol Clube. O resultado, é claro, não poderia ter sido outro. A modelo e apresentadora Alessandra Iscattena, são-paulina roxa, adquiriu toda essa paixão pelo time por causa da família. Mesmo assim, nem todo mundo descobriu o Tricolor. "Minha mãe e meu marido são palmeirenses. E, infelizmente, tenho um sobrinho corintiano. Mas acredito que ainda vamos conseguir convertê-lo", afirma.

Por isso, a loira respeita quando o Verdão joga com outro time. "Nesse caso, até torço para deixá-los felizes. Agora, quando a partida é São Paulo e Palmeiras, não tem jeito. O bicho pega", confessa.

E, algumas vezes, vale até uma simpatia para mandar o Tricolor para frente. Alessandra não se considera uma pessoa mística. No entanto, quando o São Paulo

está em perigo, a força do pensamento positivo é indispensável. "Na hora em que o adversário vai bater um pênalti, faço duas argolinhas com o indicador e o polegar mentalizando para que a bola vá para fora. Imagino até o lado. E olha que, na maioria das vezes, dá certo", garante.

LEMBRANÇAS DO SÃO PAULO

Em dia de jogo, ela tem vontade de entrar em campo de tão ansiosa. Dependendo da situação, até sai da sala. "Deixo de assistir porque fico muito nervosa. Quero ir lá no meio do campo, pegar a bola e chutar".

Desde pequena, já torcia com o pai pelo Tricolor. Mas Alessandra não se recorda muito bem como se apaixonou pelo São Paulo. Afinal, são muitos anos ao lado do time. "Só penso em vitórias, sempre vitórias. O primeiro Mundial, por exemplo, marcou demais. O chute do Raí, nessa partida, foi o gol mais importante da história do clube", acredita.

Mas o dia em que a modelo

O Tricolor é um amor antigo: desde pequena, ela já torcia pelo time ao lado do pai



Veterana de televisão: a loira está no mundo artístico desde os 13 anos

conheceu o Estádio do Morumbi foi inesquecível. Ela lembra que em 2001, no Paulistão, o SPFC ganhou por 3 a 2 da Inter de Limeira. E foi impossível não se emocionar com o time. "Soltei a franga mesmo. E, todo jogo que acontece no Morumbi, fico olhando aquele distintivo lá no meio do campo. É lindo".

VIDA DE TELEVISÃO

Alessandra enfrenta o mundo artístico desde os 13 anos. "Caso contrário, seria arquiteta ou decoradora", conta. Seu primeiro trabalho na televisão foi no programa *Corrida Maluca*, apresentado por Gugu Liberato, com quem a modelo trabalhou durante 12 anos.

Tempos depois, a loira partiu para a função de assistente de palco do apresentador, enfeitando todos os finais de semana o programa *Domingo Legal*.

A modelo revela que, quando começou a trabalhar com o Gugu, não imaginava que fosse se apaixonar por televisão. Entretanto, foi inevitável. Segundo ela, grande parte de seu aprendizado iniciou-se nos bastidores. "Quando decidi sair do SBT, em maio de 2001, estava bem segura para encarar novos projetos. O Gugu foi um ótimo professor", revela.

Já em 1999, porém, antes de abandonar a emissora de Silvio Santos, Alessandra foi convidada para comandar um programa de videoclipe chamado *Sounds of Brazil*, exibido em Miami. Permaneceu como apresentadora por dois anos. "Rolava pagode, MPB, rock etc. A interação com o telespectador era feita por meio de e-mails. Pois o programa era produzido no Brasil".

PASSAGENS PELA CASA

Em julho de 2001, a modelo foi convidada a participar da primeira *Casa dos Artistas*, programa que,

na época, tornou-se sucesso de audiência. Confessa, entretanto, que ficou um pouco chateada porque, segundo Alessandra, um complô foi armado contra ela. "Já trabalhava na emissora há 12 anos. E eles achavam que, se não me tirassem na primeira semana, eu não sairia mais. Fiquei magoada porque não estava preparada e acabei pedindo que o público votasse em mim", desabafa.

Apesar de incômodos e decepções, Alessandra considera sua participação no programa "uma experiência maravilhosa". E que, se fosse possível, voltaria a um reality show. Porque depois da produção, o número de trabalhos aumentou. "Só tenho a agradecer ao Silvio Santos", assegura.

Duas vezes capa da revista *Playboy*, primeira em 1997 e a outra no ano seguinte, Alessandra comenta que o sucesso foi tanto que a revista acabou em duas semanas, com 500 mil exemplares vendidos. Por isso, em 1998, a publicação pediu que ela fizesse um especial. "Não mexeu com meu ego. Posei nua porque achei que era o momento e a grana era muito boa. E eu estava para casar. Foi uma mão nas quatro rodas", conta.

PROJETOS E NOVIDADES

Atualmente, Alessandra encara outra experiência como apresentadora. Ela comanda o programa *Estética* na TV a cabo TVA Canabrs, exibido no canal 8, no TV+ABC e no canal 18 em São Paulo. A modelo fala sobre novidades de beleza, moda e saúde. Quem preferir, pode acessar o site www.tvmaisabc.com.br para saber mais informações sobre a produção. Além disso, está empenhada num projeto de montar uma academia com seu sócio, Marcelo Caldas, lutador de jiu-jitsu. "Quero ter um pessoal legal, mas que não vire um desfile de moda. É um lugar

Alessandra Iscattena

simples, mas com muito profissionalismo", afirma.

Além desses projetos, Alessandra pretende abrir um espaço para cuidar de velhinhos, dependentes químicos e crianças. "Precisamos prestar mais atenção nessas questões. Esse projeto é uma grande prioridade".

Não pensem que o São Paulo está fora dos projetos da apresentadora. Ela pretende ter filhos e o enxoval já foi escolhido. "Com certeza, farei

um enxovalzinho tricolor. Já até imagino o enfeite da porta, com o distintivo do São Paulo". A paixão dela pelo time é tanta que o banheiro de sua nova casa está com as cores do São Paulo. "Fiz preto-e-branco com detalhes em vermelho", conta. Apesar do marido palmeirense, a loira luta pelo time e bate o pé. "A única coisa verde que vai entrar na minha casa são as plantas. Afora isso, mais nada", finaliza.

ALESSANDRA Cristina ISCATTENA Gherbale

Nascimento:

30/09/1976

Estilo: Próprio

Prato preferido:

Chocolates e frutos do mar

Balada: Ficar em casa

e ir a um bom restaurante.

Também gosto de viajar

Realização:

Quando eu for mãe

Livro: Violetas na Janela.

Também gosto de

publicações sobre

auto-ajuda

Filme: E O Vento Levou

Música: Todas do Elvis

FAMÍLIA: TUDO

Sentimento:

Solidariedade

O SPFC É: CAMPEÃO

Televisão: Um dos

meus sonhos.

Faz parte da minha vida

Beleza: Não é fundamental

Conselho: Costumo

terminar meu programa

assim: que Deus seja louvado

e você, muito abençoado



➔ O TRICOLOR do Morumbi fará sua estréia no Brasileirão 2003 no dia 30 de março. Seu primeiro adversário é o perigoso time do Juventude

TORNEIO NACIONAL 2003

FOTOS RUBENS CHIRI



A confirmação de dias (sábado ou domingo e quarta ou quinta) e horários das partidas da 37ª rodada em diante ocorrerá oportunamente em função da programação da TV, observados os desempenhos dos clubes na parte final da competição

TURNO

30/03-DOM	16:00	1ª		
Juventude	x São Paulo	A. Jaconi	Caxias do Sul	
06/04-DOM	16:00	2ª		
São Paulo	x Cruzeiro	Morumbi	São Paulo	
13/04-DOM	16:00	3ª		
Criciúma	x São Paulo	H. Hulse	Criciúma	
17/04-QUI	20:30	4ª		
São Paulo	x Fortaleza	Morumbi	São Paulo	
20/04-DOM	16:00	5ª		
São Paulo	x Vasco da Gama	Morumbi	São Paulo	
27/04-DOM	16:00	6ª		
Paysandu	x São Paulo	Mangueirão	Belém	
04/05-DOM	16:00	7ª		
São Paulo	x Figueirense	Morumbi	São Paulo	
11/05-DOM	16:00	8ª		
Atlético	x São Paulo	Mineirão	Belo Horizonte	
17/05-SAB	18:00	9ª		
São Paulo	x Paraná	Morumbi	São Paulo	
25/05-DOM	16:00	10ª		
Grêmio	x São Paulo	Olímpico	Porto Alegre	
01/06-DOM	16:00	11ª		
Santos	x São Paulo	Vila Belmiro	Santos	
08/06-DOM	16:00	12ª		
São Paulo	x Bahia	Morumbi	São Paulo	
15/06-DOM	16:00	13ª		
Corinthians	x São Paulo	Morumbi	São Paulo	
21/06-SAB	18:00	14ª		
São Paulo	x Goiás	Morumbi	São Paulo	
29/06-DOM	16:00	15ª		
Guarani	x São Paulo	Brinco de Ouro	Campinas	
05/07-SAB	16:00	16ª		
São Paulo	x São Caetano	Morumbi	São Paulo	
09/07-QUA	21:40	17ª		
Coritiba	x São Paulo	Couto Pereira	Curitiba	
13/07-DOM	16:00	18ª		
Fluminense	x São Paulo	Maracanã	Rio de Janeiro	
17/07-QUI	20:30	19ª		
São Paulo	x Atlético	Morumbi	São Paulo	
20/07-DOM	16:00	20ª		
Vitória	x São Paulo	Barradão	Salvador	
24/07-QUI	20:30	21ª		
São Paulo	x Ponte Preta	Morumbi	São Paulo	
27/07-DOM	16:00	22ª		
Flamengo	x São Paulo	Maracanã	Rio de Janeiro	
02/08-SAB	18:00	23ª		
São Paulo	x Internacional	Morumbi	São Paulo	

RETORNO

06/08-QUA	21:40	24ª		
Cruzeiro	x São Paulo	Mineirão	Belo Horizonte	
09/08-SAB	18:00	25ª		
São Paulo	x Juventude	Morumbi	São Paulo	
16/08-SAB	18:00	26ª		
São Paulo	x Criciúma	Morumbi	São Paulo	
20/08-QUA	21:40	27ª		
Fortaleza	x São Paulo	Castelão	Fortaleza	
24/08-DOM	16:00	28ª		
Vasco da Gama	x São Paulo	S. Januário	Rio de Janeiro	
30/08-SAB	18:00	29ª		
São Paulo	x Paysandu	Morumbi	São Paulo	
14/09-DOM	16:00	30ª		
Figueirense	x São Paulo	O. Scarpelli	Florianópolis	
21/09-DOM	16:00	31ª		
São Paulo	x Atlético	Morumbi	São Paulo	
24/09-QUA	21:40	32ª		
Paraná	x São Paulo	Pinheirão	Curitiba	
27/08-SAB	18:00	33ª		
São Paulo	x Grêmio	Morumbi	São Paulo	
04/10-SAB	18:00	34ª		
São Paulo	x Santos	Morumbi	São Paulo	
08/10-QUA	21:40	35ª		
Bahia	x São Paulo	Fonte Nova	Salvador	
12/10-DOM	16:00	36ª		
São Paulo	x Corinthians	Morumbi	São Paulo	
18/10-SAB e 19/10-DOM		37ª		
Goiás	x São Paulo	S. Dourada	Goiânia	
22/10-QUA e 23/10-QUI		38ª		
São Paulo	x Guarani	Morumbi	São Paulo	
25/10-SAB e 26/10-DOM		39ª		
São Caetano	x São Paulo	A Campanella	São C do Sul	
01/11-SAB e 02/11-DOM		40ª		
São Paulo	x Coritiba	Morumbi	São Paulo	
05/11-QUA e 06/11-QUI		41ª		
São Paulo	x Fluminense	Morumbi	São Paulo	
08/11-SAB e 09/11-DOM		42ª		
Atlético	x São Paulo	J. Américo	Curitiba	
22/11-SAB e 23/11-DOM		43ª		
São Paulo	x Vitória	Morumbi	São Paulo	
29/11-SAB e 30/11-DOM		44ª		
Ponte Preta	x São Paulo	Moisés Lucarelli	Campinas	
06/12-SAB e 07/12-DOM		45ª		
Internacional	x São Paulo	Beira Rio	Porto Alegre	
3/12-SAB e 14/12-DOM		46ª		
São Paulo	x Flamengo	Morumbi	São Paulo	

→ O SÃO PAULO tenta conquistar seu quarto título nacional. O clube foi campeão em 77, 86 e 91 contra Atlético-MG, Guarani e Bragantino respectivamente

O CAMPEONATO BRASILEIRO DE 2003 TERÁ 24 EQUIPES



Ponte Preta (SP)	Fluminense (RJ)	Bahia (BA)
São Caetano (SP)	Atlético-MG (MG)	Vitória (BA)
Guarani (SP)	Cruzeiro (MG)	Juventude (RS)
Santos (SP)	Atlético-PR (PR)	Internacional (RS)
SÃO PAULO (SP)	Coritiba (PR)	Grêmio (RS)
Corinthians (SP)	Paraná (PR)	Fortaleza (CE)
Vasco da Gama (RJ)	Criciúma (SC)	Goiás (GO)
Flamengo (RJ)	Figueirense (SC)	Paysandu (PA)

CONFIRA OS PRINCIPAIS PONTOS DO REGULAMENTO DO BRASILEIRÃO 2003

As equipes campeã, vice-campeã e terceira colocada serão, respectivamente, as representantes números um, dois e três do Brasil na Copa Toyota Libertadores de 2004.

O torneio será disputado no sistema de pontos corridos, de forma contínua, em turno (jogos de ida) e retorno (jogos de volta), sagrando-se campeã a associação que acumular o maior número de pontos ganhos em toda a disputa.

Por ser disputado entre 24 associações, o campeonato terá 46 rodadas, sendo 23 no turno e 23 no retorno.

Em caso de empate em pontos ganhos entre duas ou mais associações ao final da competição, o desempate será efetuado observando-se os critérios abaixo:

- 1º. maior número de vitórias
- 2º. maior saldo de gols
- 3º. maior número de gols pró
- 4º. confronto direto (entre duas associações)
- 5º. sorteio

As duas últimas associações classificadas, ao final da competição, descerão para a Série B em 2004 e as duas primeiras colocadas na Série B em 2003 subirão à A em 2004.

Nenhum tipo de ingresso poderá ser inferior a R\$ 10,00, com exceção das meias entradas para estudantes ou outras situações, conforme a legislação definir, e dos ingressos especiais para associados, limitados ao valor mínimo de R\$ 5,00 (cinco reais).

Todas as informações aqui publicadas foram divulgadas pelo site oficial da Confederação Brasileira de Futebol, CBF.



SITREPESP

Sindicato dos Treinadores Profissionais
do Estado de São Paulo

Soccer Clinic 2003

XII CURSO INTERNACIONAL DE TREINADORES DE FUTEBOL

De 12 a 16 de maio, das 8 às 17:30 horas no São Paulo Futebol Clube - Morumbi

Informações: Fones / Fax (11) 3887-2748 e 3889-0130

E-mail: sitrepep@terra.com.br Site: sitrepep.org.br



FICHA DE INSCRIÇÃO

(Preencher em letra de forma)

SÓCIO NÃO SÓCIO

Nome:

Endereço:

Bairro: CEP:

Cidade: Estado:

Fone: (____) Cel.: (____)

RG nº: CIC nº:

Alojamento: SIM NÃO PERÍODO : DE _____ A _____ /05/2003

Colar 01
foto 3 x 4

INSTRUÇÕES PARA INSCRIÇÃO

Os interessados deverão preencher esta ficha e remetê-la ao Sindicato dos Treinadores Profissionais do Estado de São Paulo, juntamente com 1 foto 3x4 e xerox do comprovante do depósito bancário:

BRANDESCO: Agência 1074-0 Tutóia-SP - Conta Corrente 40420-9

BANESPA: Agência 400 Tutóia-SP - Conta Corrente 13001624-1

ITAÚ: Agência 4073 Nova Tutóia - Conta corrente 00030-1

VALORES DA INSCRIÇÃO

Sócios: R\$ 200,00

Não Sócios: R\$ 350,00

Um dos destaques do SPFC na primeira fase do Paulistão foi o lateral-esquerdo **GUSTAVO NERY**. O jogador é um dos artilheiros da equipe

PAULISTÃO 2003



FOTOS RUBENS CHIRI

Na estréia, o garoto Kléber substituiu Reinaldo

Paulista 2 X 1 São Paulo

1º JOGO

PAULISTA

Buzzetto; Luís Paulo, Anderson, Thiago e Julinho; Alemão (Léo), Vágner Mancini, Júnior Ferreira (Guim) e Fábio Gomes; Camanducaia e João Paulo (Davi) **Técnico:** Edson Velandro

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo (Gabriel), Régis, Jean e Lino; Maldonado, Simplício, Ricardinho e Adriano (Daniel Rossi); Luís Fabiano e Kléber (Oliveira) **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gols: Luís Paulo aos 19min, Fábio Simplício aos 20min e Thiago aos 40min do primeiro tempo • **Cartões amarelos:** Luís Fabiano, Oliveira e Maldonado • **Juiz:** Sálvio Spinola Fagundes Filho • **Data:** 26/01/03 (domingo) • **Local:** Estádio Doutor Jayme Cintra, em Jundiaí (SP)

Contra o Juventus, Kaká brilhou mais uma vez. O meia esteve diretamente envolvido em quatro dos seis gols são-paulinos. Ele fez três e armou a jogada para outro



São Paulo 6 X 0 Juventus

2º JOGO

SÃO PAULO

Rogério; Leonardo, Jean, Régis e Gustavo Nery (Fabiano); Maldonado, Fábio Simplício, Kaká (Júlio Baptista) e Ricardinho (Adriano); Kléber e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

JUVENTUS

William; Luizão, Rocha e Fábio; Edson, Dirceu, Anderson, Sidnei (Cristian) e Itabuna; Marco Antonio (Márcio Capixaba) e Alvim (Edson Di) **Técnico:** Paulo Sérgio Tognasini

Gols: Kaká aos 9min e Gustavo Nery aos 41min do primeiro tempo; Kaká aos 10min, Fábio Simplício aos 20min, Leonardo aos 29min e Kaká aos 35min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Luizão e Edson, Kléber e Jean • **Data:** 29/01/03 (quarta-feira) • **Juiz:** Rodrigo Guarizo Ferreira do Amaral • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio Morumbi, São Paulo (SP)

1º TEMPO	7' QUASE	8' GOL	12' TRAVE	23' POR POUCO	30' VAI QUE É SUA	40' QUE GOL
	No recuo de Maldonado, quase o atacante Marco Antônio atrapalha a vida de Rogério Ceni	Depois de uma dividida de bola entre Luís Fabiano e Itabuna, a bola sobra para Kaká, que não perdoa	Luís Fabiano chuta de fora da área e acerta a trave	Kaká, infernal, dribla dois e manda a bomba. A bola tira tinta da trave	Rogério Rocha aparece na área, mas Rogério salva o Tricolor	Kaká faz boa jogada com Kléber, que passa para Gustavo Nery mandar um tiro no ângulo de Willians
2º TEMPO	10' GOL	19' FALTA venenosa	20' GOLÃO	28' GOL	34' GOL	
	Mais uma vez, Kaká balança as redes do Morumbi	Edson Di é derrubado perto da área, mas, na cobrança, Cristian bate mal	Luís Fabiano, no contra-ataque, toca para Fábio Simplício chutar no ângulo	Luís Fabiano chuta forte, o goleiro defende mas solta a bola nos pés de Leonardo Moura	Kaká parte do campo de defesa do Tricolor, dribla um zagueiro e toca para o fundo das redes	

São-Paulino seja Sócio-Torcedor



Arte: Igor Amorim

Confira os benefícios oferecidos ao Sócio-Torcedor:

Categoria Master

Carteirinha, diploma, Revista Oficial SPFC, 10% de desconto nas lojas credenciadas e 05% de desconto nas Escolas Franqueadas SPFCenter, Camisa de Sócio-Torcedor, Vídeo Institucional, Camisa oficial autografada e Visita VIP ao Estádio do Morumbi e CCT;

Categoria Ouro

Carteirinha, diploma, Revista Oficial SPFC, 10% de desconto nas lojas credenciadas e 05% de desconto nas Escolas Franqueadas SPFCenter, Camisa de Sócio-Torcedor, Vídeo Institucional e Camisa oficial autografada;

Categoria Prata

Carteirinha, diploma, Revista Oficial SPFC, 10% de desconto nas lojas credenciadas e 05% de desconto nas Escolas Franqueadas SPFCenter, Camisa de Sócio-Torcedor, Vídeo Institucional e Camisa oficial;

Categoria Bronze

Carteirinha, diploma, Revista Oficial SPFC, 10% de desconto nas lojas credenciadas e 05% de desconto nas Escolas Franqueadas SPFCenter, Camisa de Sócio-Torcedor e Vídeo Institucional;

Informações: tel.0800-120812 / fax.3749-5501

E-mail: sociotorcedor@saopaulofc.net / Site: www.saopaulofc.net

Cadastre-se

Nome: _____ Data Nasc.: ____/____/____

Categoria Escolhida: _____ CPF: _____ RG: _____ Tam. da Camisa: _____

Tel. Residencial: (____) _____ Tel. Celular: (____) _____ Estado Civil: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____ UF: _____



Para se tornar Sócio-Torcedor preencha o cadastro acima e
envie para: Praça. Roberto Gomes Pedrosa, 01 - Morumbi - 05653-070
Diretoria de Comunicações - Sócio-Torcedor



➔ O clássico entre SPFC e Santos foi o jogo mais emocionante da primeira fase. As equipes entraram bem posicionadas e a partida foi equilibrada



Jogadores comemorando o primeiro gol do São Paulo contra o Santos

Inter de Limeira 0 X 3 São Paulo 3º JOGO

INTERNACIONAL DE LIMEIRA

Oliveira; André Gheller, Válber (Almeida) e Max; João Paulo (Rogério), Galego, Silas, Alexandre Silva e Fabiano Ferri; Fábio Lopes e Renato Martins (Fabinho) **Técnico:** Giuseppe Pallavaccini

SÃO PAULO

Rogério; Leonardo, Jean, Régis e Gustavo Nery (Fabiano); Maldonado, Fábio Simplício, Kaká e Ricardinho (Adriano); Kléber (Júlio Baptista) e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gols: Kléber aos 18min do primeiro tempo; Kaká aos 15min e Gustavo Nery aos 43min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** André Gueller, Max e Fabiano Ferri • **Cartões vermelhos:** Luís Fabiano • **Data:** 02/02/03 • **Juiz:** Paulo César de Oliveira • **Local:** Estádio Major José Levy Sobrinho, Limeira (SP)

São Paulo 1 X 1 Port. Santista 4º JOGO

SÃO PAULO

Rogério; Leonardo, Jean, Régis e Gustavo Nery; Maldonado, Fábio Simplício (Adriano), Kaká e Ricardinho; Kléber e Reinaldo (Itamar) **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

PORTUGUESA SANTISTA

Maurício; Vandir, Nenê e Zambiasi; Nelsinho, Adriano, Souza, Fabrício (Cleberson) e Adavilson; Rico (Renato Medeiros) e Elizeu (Dinei) **Técnico:** Pepe

Gols: Souza aos 21min do primeiro tempo; Kaká aos 37min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Kléber, Jean, Rogério Ceni, Nelsinho, Maldonado e Zambiasi • **Data:** 09/02/2003 (domingo) • **Juíza:** Sílvia Regina de Oliveira • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

Santos 1 X 2 São Paulo 5º JOGO

SANTOS

Júlio Sérgio; Michel (Willian), André Luís, Alex e Léo; Paulo Almeida, Renato, Fabiano (Alexandre) e Diego; Robinho e Ricardo Oliveira **Técnico:** Emerson Leão

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo (Gabriel), Jean, Régis e Gustavo Nery; Maldonado, Fábio Simplício (Adriano), Ricardinho e Kaká; Reinaldo (Itamar) e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gols: Gustavo Nery aos 29min e Ricardo Oliveira aos 43min do primeiro tempo; Luís Fabiano aos 38min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Reinaldo, André Luís, Itamar, Ricardo Oliveira • **Cartões vermelhos:** Paulo Almeida, Maldonado • **Data:** 15/02/2003 (sábado) • **Juiz:** Paulo César de Oliveira • **Local:** Estádio da Vila Belmiro, em Santos

São Paulo 2 X 2 Santo André 6º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo, Júlio Santos, Régis e Gustavo Nery (Fabiano); Fábio Simplício, Júlio Baptista e Ricardinho; Itamar (Kléber), Reinaldo e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

SANTO ANDRÉ

Júlio César; Dedimar, Marcão, Silvio Criciúma e Richarlyson; Sérgio Soares (Wesley Brasília), Ramalho, Perdigão (Alexandre) e Aílton (Douglas); Romerito e Denni **Técnico:** Luís Carlos Ferreira

Gols: Luís Fabiano aos 33min e Gustavo Nery aos 36min do primeiro tempo; Wesley Brasília aos 14min e Denni aos 24min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Fábio Simplício, Júlio Santos e Dedimar • **Data:** 23/02/2003 (domingo) • **Juiz:** Romildo Corre • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

São Paulo 4 X 2 Santo André 7º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Leonardo (Gabriel), Jean, Régis e Gustavo Nery; Maldonado Fábio Simplício, Ricardinho e Reinaldo; Itamar (Júlio Baptista) e Luís Fabiano (Kléber) **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

SANTO ANDRÉ

Júlio César; Alexandre, Diego, Sílvio Criciúma e Richarlysson; Gabriel (Wesley Brasília), Ramalho, Douglas (Perdigão) e Aílton; Romerito (Edvaldo) e Denni **Técnico:** Luís Carlos Ferreira

Gols: Itamar aos 24min e Romerito aos 43min do primeiro tempo; Maldonado aos 7min, Itamar aos 13min, Aílton aos 15min e Itamar aos 19min do segundo tempo • **Cartões amarelos:** Gabriel, Ramalho e Ricardinho • **Cartões vermelhos:** Maldonado • **Data:** 27/02/03 (quinta-feira) • **Juiz:** Luiz Marcelo Cansian • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo

COPA DO BRASIL

São Raimundo 2 X 0 São Paulo

SÃO PAULO

Rogério; Leonardo, Jean, Régis e Gustavo Nery; Maldonado, Fábio Simplício (Adriano), Kaká e Ricardinho; Reinaldo (Itamar) e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

SÃO RAIMUNDO

Iúna; Wilson Rincão, Rogério, Ademir e Guara; Doriva, Izac, Reginaldo e Zedvan; Sidney (Carlos Alberto) e Delmo (Babá) **Técnico:** Aderbal Lana

Gols: Guara aos 42min do primeiro tempo e Delmo aos 12min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Gustavo Nery • **Cartão vermelho:** Itamar • **Data:** 19/02/2003 (quarta-feira) • **Juíza:** Marcos A. Barros Cafe • **Local:** Vivaldão, Manaus (AM)

Bola Dividida no São Paulo Futebol Center.



São Paulo Futebol Center. Descobrimo craques, formando cidadãos.

Com estrutura e profissionais de alto nível, as escolas de futebol oficiais do São Paulo cuidam de seus alunos com o conceito de qualidade que transformou o São Paulo Futebol Clube em um modelo no futebol brasileiro.

Por isso, se seu filho tem mais de 5 anos, matricule-o em uma das unidades do São Paulo Futebol Center. Ensinar futebol e formar cidadãos é este o nosso grande objetivo.



A ESCOLA OFICIAL DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

PILOTO - TEL/FAX (0XX11) 5073-3343, FREGUESIA DO Ó - TEL/FAX (0XX11) 3931-1522, TATUAPÉ - TEL/FAX (0XX11) 296-6546, TAUBATÉ - TEL/FAX (0XX12) 218-2188, CURITIBA - TEL/FAX (0XX41) 288-1300, OSASCO - TEL/FAX (0XX11) 3683-0600, SANTO AMARO - TEL/FAX (0XX11) 5687-6480, TATUI - TEL/FAX (0XX15) 251-1280, BUTANTÁ - TEL/FAX (0XX11) 3731-8262, CIDADE JARDIM - TEL/FAX (0XX11) 3071-1175, PRESIDENTE PRUDENTE - TEL/FAX (0XX18) 231-3805, ITU - TEL/FAX (0XX11) 4022-0408, RIBEIRÃO PRETO - TEL/FAX (0XX16) 623-1715, MARÍLIA - TEL/FAX (0XX14) 433-4301, BRAGANÇA PAULISTA - TEL/FAX (0XX11) 4032-7533, GUARULHOS - TEL/FAX (0XX11) 6442-7354, MOGI DAS CRUZES - TEL/FAX 4738-2459, JUNDIAI-TEL/FAX 4526-2090, CAMPINAS - TEL/FAX(0XX19) 3237-4777, SOROCABA - TEL/FAX (0XX15) 220-4572, INDAIATUBA- TEL (0XX19)3834-1530, SÃO BERNARDO DO CAMPO: TEL/FAX (0XX11)4398-7222 SANTANA:TEL/FAX (0XX11) 6971-1333, ITAPETININGA- TEL/FAX (0XX15) 271-0241



notícias do Tricolor

São Paulo/Guaru - equipe campeã brasileira de basquete feminino 2002



FOTOS RUBENS CHIRI

Os frutos da ousadia

Logo em seu primeiro ano, a parceria São Paulo Futebol Clube/Associação Atlética Guarú conquistou o Campeonato Brasileiro de basquete feminino. Surpreendendo os torcedores pelas três vitórias seguidas nos *playoffs* finais, a equipe acabou superando a Unimed/Americana por 79 a 66, 83 a 73 e 88 a 72 respectivamente.

Para o técnico do time, Alexandre Cato, 40 anos, que está há cinco no comando da principal divisão do basquete feminino do Guarú, essa parceria não poderia ter começado melhor. "Tínhamos, como objetivo, ficar entre as quatro melhores equipes do País. Com o decorrer da competição, percebemos que tínhamos totais condições de chegar mais longe, ainda mais com a vinda de Janeth".

Quanto ao nível técnico do campeonato, Cato explica que, ao contrário do que muita gente dizia, o torneio foi bom. "A ida de algumas estrelas para os campeonatos da Europa acabou ajudando na revelação de novos talentos". De acordo com o técnico campeão brasileiro, é fundamental valorizar os novos talentos. "Sem dúvida, a Maria Cristina e a Palmira, só para citar duas atletas de nosso time, vão estar na seleção brasileira em breve".

Entusiasta do basquete de longa data, o diretor da modalidade no São Paulo, Marcus Villela, explica como foi o início de seu trabalho na parceria. "Os primeiros quatro meses foram de aprendizado sobre o basquete feminino. Porque a nossa tradição era no masculino. Fiz uma extensa pesquisa sobre as condições de nossas atletas e como poderíamos otimizar o trabalho nos preparando para o Campeonato Brasileiro". Essa coleta de informações, segundo o dirigente, foi fundamental a fim de direcionar o trabalho e a ajudar na definição por Erika e Janeth para compor a equipe campeã. "Desde o primeiro dia em que me colocaram o basquete feminino na mão, avisei ao nosso presidente que iria atrás da Janeth", lembra o dirigente. Villela destaca, além de Janeth e Erika, as grandes atuações no Campeonato de Simone Pontello e de Maria Cristina. "A Simone entrou muito bem nas finais e a Maria foi uma grata surpresa, tanto que ela chegou a ser comparada à Hortência pela forma de jogar".

Um detalhe que passou despercebido pela crônica esportiva é ressaltado pelo dirigente tricolor. "A parceria com o Guarú também se estende à categoria masculina sub-21, na qual a equipe se sagrou campeã dos jogos abertos e tricampeã dos regionais".

RESGATE DA VELHA TRADIÇÃO

Segundo o diretor do DEA (Diretoria de Esportes Amadores) do São Paulo, Paulo Mutti, o investimento do Tricolor nos esportes amadores

nada mais é do que um resgate da velha tradição de um clube acostumado a títulos e excelentes resultados de seus atletas em competições nacionais e internacionais. O bicampeão olímpico Adhemar Ferreira da Silva, o bimundial Eder Jofre, o bicampeão da São Silvestre José João da Silva, o judoca Aurélio Miguel e Wanda dos Santos, do atletismo, são alguns nomes que defenderam as cores do São Paulo em suas vitoriosas carreiras. "Nada mais justo do que retomar essa vocação de apoiar os esportes amadores", diz Mutti. Ele ressalta, porém, que o esporte principal é o futebol, mas que é fantástico ver a torcida são-paulina apoiando outros esportes. "O doutor Marcelo Portugal Gouvêa

é um apaixonado pelo esporte em geral, além do que conhece muito e é fã de basquete. Sempre que possível, ele esteve presente, prestigiando os jogos da equipe".

Para a pivô Erika, de 20 anos, o que "sobrou" na equipe foi determinação nos jogos finais. Apesar de ter propostas da Unimed/Americana e Unimed/Ourinhos, a atleta se definiu pelo São Paulo/Guarú por já ter trabalhado com Alexandre Cato antes e conhecer algumas atletas. "Certas pessoas olhavam para a gente com desconfiança por termos muitas garotas novas no time. No final, entretanto, deu tudo certo e fomos campeãs".

Fã de Denis Rodman e Lisa Leslie, astros da NBA e WNBA, Erika, que atuou no ano passado no Los Angeles Sparks, fica na Espanha até março deste ano defendendo as cores do Valência. Seu retorno à WNBA ainda é incerto, pois algumas datas podem cruzar com a programação da seleção brasileira que pretende disputar a Olimpíada de Atenas, em 2004. Mas, se

depender de sua vontade, a equipe tricolor pode contar com ela para o próximo Brasileiro, na disputa do bicampeonato.

Acostumada com a rotina de títulos, a ala Janeth, a maior jogadora do basquete nacional da atualidade, não esconde sua satisfação pela conquista e fala sobre os jogos finais. "A nossa equipe se superou. Estávamos muito concentradas no nosso objetivo. Sinceramente, achava que teríamos mais dificuldades por conta da qualidade do time de Americana. Mas, taticamente, o São Paulo funcionou muito bem e jogamos com confiança tanto as semifinais contra o Santo André quanto as finais". Assim como Erika, a atleta tem lugar garantido na disputa do pré-olímpico em setembro deste ano, quando a seleção brasileira irá atrás de uma única vaga na Olimpíada. O time nacional irá brigar com as equipes de Cuba, Canadá e Argentina.

Janeth:
com ela
não tem
perdão





Érica e Janeth:
duas das
principais
jogadoras da
competição

CONFIRA O DESEMPENHO DO SÃO PAULO NO 5º CAMPEONATO NACIONAL DE BASQUETE FEMININO

- 3/11 São Paulo/Guaru (SP) 81 x 72 ACF/Campos (RJ)
- 5/11 São Caetano (SP) 70 x 72 São Paulo/Guaru (SP)
- 7/11 Ponta Grossa/SER (PR) 41 x 84 São Paulo/Guaru (SP)
- 10/11 São Paulo/Guaru (SP) 79 x 78 Unimed/Ourinhos (SP)
- 15/11 São Paulo/Guaru (SP) 64 x 65 Santo André (SP)
- 17/11 São Paulo/Guaru (SP) 69 x 66 Black&Decker/Uberaba (MG)
- 22/11 Unimed/Americana (SP) 84 x 60 São Paulo/Guaru (SP)
- 24/11 São Paulo/Guaru (SP) 71 x 67 Dom Bosco/Governo Popular (MS)
- 26/11 São Paulo/Guaru (SP) 97 x 75 Lages/UNIPLAC (SC)
- 29/11 ACF/Campos (RJ) 66 x 67 São Paulo/Guaru (SP)
- 1/12 São Paulo/Guaru (SP) 96 x 79 São Caetano (SP)
- 6/12 São Paulo/Guaru (SP) 108 x 43 Ponta Grossa/SER (PR)
- 8/12 Unimed/Ourinhos (SP) 81 x 70 São Paulo/Guaru (SP)
- 13/12 Santo André (SP) 79 x 84 São Paulo/Guaru (SP)
- 15/12 Black&Decker/Uberaba (MG) 55 x 70 São Paulo/Guaru (SP)
- 18/12 São Paulo/Guaru (SP) 73 x 81 Unimed/Americana (SP)
- 20/12 Dom Bosco/Governo Popular (MS) 65 x 68 São Paulo/Guaru (SP)
- 22/12 Lages/UNIPLAC (SC) 53 x 99 São Paulo/Guaru (SP)

SEMIFINAL

5/1 Santo André (SP) 78 x 92 São Paulo/Guaru (SP)

SEMIFINAL

7/1 São Paulo/Guaru (SP) 86 x 79 Santo André (SP)

SEMIFINAL

8/1 São Paulo/Guaru (SP) 69 x 57 Santo André (SP)

FINAIS

- 15/1 São Paulo/Guaru (SP) 79 x 66 Unimed/Americana (SP)
- 17/1 Unimed/Americana (SP) 73 x 83 São Paulo/Guaru (SP)
- 19/1 Unimed/Americana (SP) 72 x 88 São Paulo/Guaru (SP)

AS CAMPEÃS

Nº	JOGADORA	POSIÇÃO	ALTURA	NASCIMENTO
5	Kátia Silva Cavallaro (Kátia)	Armadora	1,68	25/11/83
7	Palmira Cristina Marçal (Palmira)	Ala/Armadora	1,76	20/05/84
8	Simone Pontello (Pontello)	Ala/Pivô	1,86	08/09/71
9	Janeth dos Santos Arcaín (Janeth)	Ala	1,82	11/04/69
10	Iris de Moraes (Iris)	Ala	1,80	04/07/77
11	Ana Lúcia da Silva (Ana Lúcia)	Pivô	1,90	28/01/78
13	Tatiana Dias dos Santos (Tatiana)	Pivô	1,83	01/04/85
14	Maria Cristina da Silva (Maria)	Ala/Pivô	1,88	17/10/80
15	Erika Cristina de Souza (Erika)	Pivô	1,95	09/03/82
16	Juliana Pinheiro Silva Gomes (Juliana)	Pivô	1,85	30/05/84
17	Sandra Candido da Silva (Sandrinha)	Armadora	1,72	14/07/79
20	Tayara Maria de Jesus Pesenti (Tayara)	Ala	1,80	26/06/82
55	Kelly Cristina Silva Cota (Kelly Cristina)	Pivô	1,87	27/04/80
86	Fabiana Aparecida de Oliveira (Faby)	Ala	1,74	23/10/78

Técnico:

Alexandre Cesar Cato

Na voz de Paulo Planet

Saudades

De tempos em tempos, como consequência natural da lei da vida, que é imutável, perde o São Paulo algum soldado de suas imensas fileiras. Ora simples associado, não menos importante, ora dirigente ou conselheiro, quando não ex-presidentes, alguns dos quais participes importantes da nossa história. A mais recente perda, a do companheiro inesquecível que foi Fernando de Souza Toledo, ao depois de uma longa e insidiosa moléstia que foi, aos poucos, minando seu imenso organismo tricolor. Que nunca impediu, registre-se, comparecesse ele às reuniões do Conselho, levado pelas mãos carinhosas de seu filho na sua cadeira de rodas, sem poder falar, senão com imensas dificuldades, mas revelando por meio de seu olhar penetrante e ardoroso a sua simpatia, o seu empenho, a sua vontade de ser útil.

Cumprimos aqui, na vida terrena, missão, destino, às vezes compartilhado com o que chamamos de livre-arbítrio, embora se saiba que também essa escolha para lá ou para cá possa ser parte daquele destino. E a missão do Fernando era, sempre foi, paralelamente à sua vida, à sua rica vida profissional, integrar-se desde menino ao São Paulo, viver a vida são-paulina na sua integralidade como sócio, como dirigente, como conselheiro como adepto da comunidade tricolor.

Saudades, Fernando! Vê-lo partir, privar-nos da sua companhia, da sua presença será, claro, doloroso, mas ficará, sempre, a lembrança de seu comportamento ético, das suas posições sempre definidas, da sua perseverança, da sua coragem e, acima de tudo, do seu imenso amor pelo São Paulo. Lá, onde todos esperamos estar e um dia também iremos, na companhia do Cícero, do Pedrosa, do Menzen, do Sastre, do Luizinho, do Remo, do Rui, do Paulo de Carvalho, do Serrone e do Feola, você estará, seguramente, feliz e bem-acompanhado. Deus o tenha!

NÓS E O SÃO PAULO, NOSSO AMADO CLUBE

Nós, torcedores do clube das três cores, simpatizantes dessa agremiação de tantas tradições, dona de uma história bonita de dedicação, de contribuições que, em determinadas épocas da nossa vida, representaram a própria existência do São Paulo, pois tempo houve em que éramos pequeninos, quase que somente as camisas, sem qualquer patrimônio e, ainda, identificamos pejorativamente, embora orgulhosamente para nós, como pipoqueiros porque, talvez, os que exerciam essa profissão eram nossos simpatizantes, temos obrigações enormes, além de simplesmente torcer, de viver as glórias ou as decepções que são apanágios do futebol. Afinal, mesmo quanto à vida, sabemos que não colhemos apenas vitórias. Muitas vezes, sofremos revezes e devemos enfrentá-los com a mesma alegria com que sorrimos com os sucessos.

Aliás, assim tem sido a nossa trajetória. Outro dia comemoramos os dois títulos mundiais, inesquecíveis, seja quanto à categoria dos adversários, seja quanto à qualidade dos nossos jogadores e do nosso notável técnico, sem esquecer os dirigentes de então. E, recentemente, amargamos a decepção de títulos que seriam nossos se a sorte e um pouco mais de competência não nos tivessem faltado, competência de campo, bem entendido.

Torcedores, precisamos colaborar de forma permanente. Caso, por exemplo, do sócio, o que paga a sua mensalidade mesmo sem ter a ventura de frequentar as dependências do Morumbi, da nossa qualidade social. Porque essa contribuição, meramente futebolística, dos que torcem pelo futebol do clube e tão importante, ou mais, porque desses recursos dependem, e muito, nos dias atuais, a possibilidade de mantermos uma equipe competitiva. Independentemente do comparecimento aos estádios pagando o ingresso. Lembro que já em 1939, quando nada éramos senão um nome, eu pagava a minha contribuição associativa; pelo simples prazer de ajudar o clube do meu coração e simpatia. E como eu mesmo, já então, milhares de são-paulinos faziam o mesmo, permitindo-se, conseqüentemente, que o São Paulo viesse a existir e a se transformar no que é hoje, um dos principais clubes do mundo, com um patrimônio particular que ninguém tem.

Ser simpatizante do Tricolor é ajudar, não apenas torcer. Por isso, sempre acreditei que poderíamos ter, com certeza, no mínimo 100 mil sócios-torcedores. E isso depende de cada um de nós, de incentivar o outro a se inscrever e a fazer quaisquer sacrifícios para essa ajuda mensal ao clube de nosso coração.



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

Jogadores fazendo uma justa homenagem a Luizão; abaixo, o massagista exibindo a placa com que foi agraciado



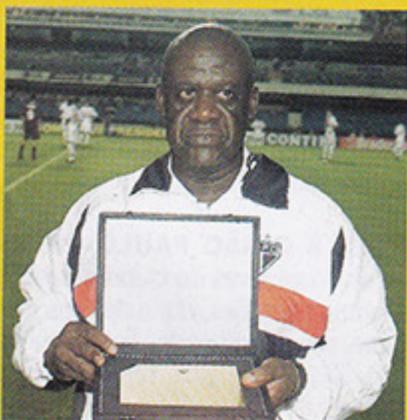
Luizão pendura as chuteiras

No dia 3 de fevereiro, o massagista Luizão se despediu do Tricolor. O profissional, que chegou ao clube em 1997, resolveu aposentar-se depois de 25 anos de carreira. Ele pendurou as chuteiras para se dedicar à família e aos seus negócios na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte.

Luizão começou no Olaria, quando conheceu Américo Faria, atual supervisor da seleção. Depois foi para o Madureira, Flamengo, Fluminense, Vasco, Bragantino e, por último, SPFC.

Com Parreira e Zagallo, chegou a trabalhar no futebol árabe. Em 1990, foi convocado pela seleção brasileira para ir à Copa da Itália. Ainda esteve com o selecionado nacional nos mundiais de 94 e 98.

RAIO X Luizão, 58 anos • **CLUBES POR QUE PASSOU** Olaria, Madureira, Flamengo, Fluminense, Vasco, Bragantino e São Paulo • **SELEÇÕES** Kuwait, time dirigido por Carlos Alberto Parreira, na Copa da Espanha, em 1982 / Brasil, time dirigido por Sebastião Lazarone, na Copa da Itália, em 1990 / Brasil, time dirigido por Zagallo, na Copa dos EUA, em 1994 / Brasil, time dirigido por Carlos Alberto Parreira, na Copa da França, em 1998 • **PAÍSES EM QUE TRABALHOU** Emirados Árabes e Arábia Saudita, entre os anos de 1985 e 1990



Clube tem novo fisioterapeuta

Luiz Alberto Rosan é o novo fisioterapeuta do SPFC. O último time pelo qual passou foi o Santos. Ele ficou de 1997 a 2002 na equipe da baixada. Rosan já havia trabalhado no Tricolor do Morumbi entre 1981 e 1989. Nessa época, foi um dos responsáveis pela implementação do setor de fisioterapia no clube. Também teve passagem pelo Bragantino, de 1990 a 1994, pelo futebol japonês, de 1995 a 1997, e, desde 1998, faz parte da comissão técnica da seleção brasileira. "É uma satisfação retornar ao clube que me projetou para o futebol. Só aceitei o convite do presidente Marcelo Portugal Gouvêa porque tenho grandes amigos aqui. Marco Aurélio Cunha, Fábio Mahseredjian, Ricardo Sasaki e Turíbio Leite de Barros são pessoas que, na década de 80, contribuíram muito para que a fisioterapia fosse o que é hoje", declarou Rosan.

Tricolor do Morumbi: o time será o único representante brasileiro na Coreia do Sul



SÃO PAULO NA COPA DA PAZ

O São Paulo FC, bicampeão mundial e time que mais jogadores cedeu à seleção brasileira de futebol em Copas do Mundo, foi o escolhido para representar o País e a América Latina no World Peace King Cup, a Copa da Paz. O projeto, idealizado por Pelé, será disputado em julho na Coreia do Sul. A competição, que distribuirá US\$20 milhões, reunirá alguns dos principais clubes do mundo. Esta é a primeira Copa, idealizada pela ACAP - Asia Culture Arts Promotion - empresa pertencente a holding de propriedade do reverendo Moon, e contará apenas com clubes convidados. Além do São Paulo, participarão Roma, Bayer Leverkusen, PSV, Olympique de Lyon, Kaiserschiefs (África do Sul), Los Angeles Galaxy (EUA) e ILHWA (pentacampeão coreano). Multinacionais poderosas como LG, Samsung, Adidas, Pepsi-Cola e Hyundai já garantiram suas cotas de patrocínio. O São Paulo já tem quase pronto seu planejamento para o torneio. Como o clube precisará se ausentar do país durante 20 dias, um documento foi enviado à CBF solicitando licença do Brasileirão. Bicampeão mundial 92/93 no Japão, o distintivo são-paulino ainda é cultuado em solo oriental. Toda semana, grupos de turistas japoneses chegam à capital paulista e rumam com destino ao Estádio do Morumbi para conhecer o Memorial do clube, local onde estão as maiores glórias do Tricolor.

CATEGORIAS DE BASE TERÃO AULA DENTRO DO CT SPORTVILLE

O São Paulo Futebol Clube acertou um convênio com o Colégio Campos Sales para levar estudo aos jogadores das categorias de base dentro do CT Sportville, em Barueri.

A parceria irá proporcionar a cerca de 60 garotos, com idade entre 14 e 20 anos, o ensino supletivo, fundamental e médio. As salas serão montadas ao lado do alojamento, dentro do CT, e as aulas serão ministradas de segunda a sexta-feira, no período noturno, das 19 horas às 22h30.

"Sem dúvida, esse era um sonho antigo. Fizemos esse convênio com o Colégio Campos Sales, autorizado e oficializado pelo MEC. Em breve, estaremos realizando as aulas dentro do CT", comemorou o diretor de Futebol de Base, Júlio Martins. "A próxima etapa do projeto será a implantação de cursos profissionalizantes, o que deve acontecer em breve", completou o dirigente.

“A Topper é uma grande empresa e tem boa distribuição no País inteiro. Estamos apostando na São Paulo Alpargatas. O evento de oficialização da parceria entre São Paulo e Topper foi um marco”

Edson Francisco Lapolla, diretor de marketing do São Paulo



Patrícia de Sabrit, com o uniforme nº 1 do SPFC, foi uma das atrações da festa

Parceria é firmada em grande estilo

A parceria entre São Paulo Futebol Clube e Topper foi oficializada em grande estilo no dia 27 de janeiro, na casa de espetáculos Via Funchal, em São Paulo. No evento, conduzido pelo jornalista Milton Neves, foram apresentados os novos uniformes do clube do Morumbi. Cerca de 500 pessoas, entre convidados e profissionais da imprensa, marcaram presença.

Durante a festa, o presidente do Tricolor, Marcelo Portugal Gouvêa, salientou a importância da união. “Estou satisfeito porque estamos bem servidos. A Topper atende prontamente às necessidades do SPFC. A nossa parceria é motivo de orgulho”, disse. Na cerimônia, a LG estabeleceu sua permanência como um dos patrocinadores do time. “O SPFC carrega uma imagem que a LG quer para seus produtos. Com essa parceria, tivemos um excelente retorno de mídia. Esperamos que seja mais um ano de grandes conquistas”, afirmou Valéria Camareiro, diretora de marketing da empresa. O presidente da Alpargatas São Paulo, proprietária das marcas Topper, Mizuno e Rainha, entre outras, mostrou-se bastante empolgado. “O São Paulo é um clube de enorme seriedade. Juntos, vamos buscar a quinta estrela”, disse Fernando Tigre. Para encerrar a noite, as bandas Ultraje a Rigor, do são-paulino Roger, e Ira!, dos também tricolores Nasi e Edgar Scandurra, fizeram shows cheios de energia.

Marcelo Portugal Gouvêa (a esq.), presidente tricolor, ao lado de Fernando Tigre, presidente da Alpargatas São Paulo



O jornalista Milton Neves, que conduziu o evento, e o roqueiro Roger, do Ultraje a Rigor

EPOPÉIA DO MORUMBI

Por Agnelo Di Lorenzo

Ao final do 7º mandato na presidência do clube, já com o estádio completo, o presidente Laudo Natel retirou-se das lides esportivas para cumprir mais um mandato a teste do governo do Estado de São Paulo. Nessa ocasião, foi tributada pela primeira vez, pelo Conselho Deliberativo, a maior homenagem prestada a um dirigente do clube. Além de se constituir no grande timoneiro na construção da Praça de Esportes, passou a ser o seu "Grande Patrono".

Passaremos a contar em capítulos essa grande homenagem que se constituiu na revista de agradecimento do São Paulo FC ao seu presidente Laudo Natel.

CAPÍTULO I A MEMORÁVEL REUNIÃO DO CONSELHO DELIBERATIVO

Foi no dia 10 de abril de 1972 que se registrou a memorável e inesquecível homenagem do Egrégio Conselho Deliberativo do São Paulo FC. Pela primeira vez na história do Tricolor do Morumbi, uma reunião com o fim especial de homenagear a figura de um dirigente: Laudo Natel, seu presidente. Dela participaram quase todos os 180 conselheiros do "Mais Querido", prestigiando, assim, a figura do extraordinário presidente que o clube pôde ter em suas fileiras desde o ano de 1952. Por propositura do Benemérito Manoel Raymundo Paes de Almeida, ficou decidida a reforma dos estatutos do clube, pelo Egrégio Conselho Deliberativo, magnificamente presidido pelo Dr. Waldemar Mariz de Oliveira Júnior, a fim de poder outorgar a Laudo Natel o título de grande patrono. Na gravura flagrantes do acontecimento, vendo-se ao alto a mesa que presidiu os trabalhos e, em baixo, os conselheiros que lá estiveram.



REPRODUÇÃO

O FESTIVAL DE GRATIDÃO

Representando os são-paulinos da "Velha Guarda", quem primeiro dirigiu a palavra ao presidente do Tricolor, na noite da sua despedida, foi o General Porphirio da Paz. Foram palavras que saíram do fundo do seu coração. O seu discurso foi este:

"Meu honrado Governador – Dileto e querido amigo Laudo Natel e dignos componentes da mesa. Entre outras grandes batalhas que o nosso século contempla, há uma que se alteia por ser, como podemos dizer, a fonte geradora da sociedade, a formadora dos homens e esteio básico da pátria: é a batalha da família. Ela é um ponto de convergência dos debates sociais, das questões morais, das opções filosóficas e das concepções de vida. O desejo do homem é alcançar a alegria do coração, pois a alegria dos passatempos é fugaz e é exterior, enquanto a outra, interior, é suave e vai até o fim da vida. Na alegria do coração que o homem procura e encontra, estão, sem dúvida, as suas inseparáveis irmãs. A seriedade, a postura vertical da honra, o sentido luminoso da vida, seja essa dura ou feliz. A alegria verdadeira é aquela que nasce nas profundezas do nosso coração, e é justamente ali que Deus habita; sim, procura-se Deus no firmamento e em toda a parte. No entanto, Ele está na essência de cada ser. Assim pensando, meu caro Laudo, hoje você recebe, de toda a família são-paulina, o grande festival de gratidão. Sim, da gratidão, pois é como disse Cícero: nenhum dever é mais importante do que o da gratidão. Ela é a "memória do coração", como a definiu Massieu – o grande pensador. Penso, humildemente, estar falando em nome dos velhos fundadores, da velha guarda, à turma heróica da fundação que agasalhava um ideal de amor: ver mais tarde, com sangue novo e igual amor, um São Paulo Futebol Clube, grande, respeitado e erguido a esse pedestal, pelo trabalho e sacrifício de todos os que o amam. O prêmio do criador é ver a criatura feliz. Vinte anos de Constância no dever nos postos de direção coroam a sua obra inestimável na vida do nosso clube. Seis como tesoureiro e 14 como presidente, e que presidente, caro Laudo. Autêntico nos sentimentos de amor, devotamento e carinho; exemplar na conduta serena e imperturbável no comando, quer nas alegrias ou nas vicissitudes. Hoje não é o ponto final da grande caminhada, mas, sim, uma pausa para o grande viajar, que deixa uma esteira luminosa de exemplo e um monumento de trabalho impar, que Deus e Nossa Senhora Aparecida, a consagrada padroeira da Pátria, o abençoem e iluminem os seus caminhos, os seus entes queridos e, sobretudo, o consagrem pelas qualidades excelsas da sua pessoa, um padrão de honra e dignidade de nossa terra.



Júlio Baptista: balanço positivo na conquista do terceiro lugar

RUBENS CHIRI

ATLETAS DO SPFC BRILHAM NO CATAR

A seleção brasileira de futebol conquistou o terceiro lugar no Sub-23, realizado no Catar, de 13 a 24 de janeiro de 2003. Dirigido por Ricardo Gomes, o time disputou a colocação com a equipe alemã, reeditando a final da Copa de 2002.

O Brasil tomou dois gols, mas teve força suficiente para virar o placar. Com uma bela partida de Kaká, que marcou duas vezes, o selecionado brasileiro bateu a equipe europeia por 4 a 2. Nem tudo saiu do jeito como a gente queria e não chegamos à final. Ainda assim, para mim, foi muito positivo pelo fato de eu ter ido para lá e ter conseguido mostrar meu trabalho", ressalta Júlio Baptista, outro destaque da equipe brasileira.

Para o zagueiro Júlio Santos, atleta são-paulino que atuou em todos os jogos, faltou tempo para uma melhor preparação. "Infelizmente, aqui no Brasil ninguém vê o trabalho de fora. O time foi formado no aeroporto. Tinha jogador que nem tinha treinado, que estava em férias, e se juntou ao grupo ali na hora".

Quanto à disputa pelo terceiro lugar, o jogador tricolor disse que o Brasil entrou em campo meio sem esperança porque o objetivo era a conquista do título. "Mas, depois que tomamos os dois gols, acordamos e conseguimos virar", afirma o zagueiro.

SÃO PAULO INAUGURA MAIS UMA ESCOLA DE FUTEBOL NO EXTERIOR

Com grande festa, o São Paulo Futebol Clube inaugurou mais uma unidade de sua escola de futebol licenciada. Desta vez, a cidade escolhida foi Bangkok, na Tailândia. Essa é segunda unidade em funcionamento no exterior. A primeira já existe há oito meses na cidade de Suwon, na Coreia do Sul. "Nosso objetivo, além de financeiro, é divulgar e expandir a marca do São Paulo no mercado externo. Somos constantemente procurados por interessados em adquirir a qualidade e o padrão técnico das escolas São Paulo Futebol Center", disse Paulo César Cruz, um dos responsáveis da área.

Na unidade Tailândia, o responsável pela coordenação técnica é José Alves Borges, ex-coordenador das avaliações do São Paulo Futebol Clube. "Pretendemos fazer um trabalho de intercâmbio, ou seja, o aluno daqui que tiver boas condições técnicas irá ao Brasil e treinará por um período com as categorias de base do São Paulo. Com isso, proporcionaremos também um intercâmbio cultural entre os dois países", disse Borges. O representante do São Paulo Futebol Clube na inauguração da escola em Bangkok foi o conselheiro Waldo José Vallin Braga. A próxima unidade da SPFCenter no exterior será na China e deverá ser inaugurada ainda neste semestre.



NA 2ª CIDADE MARAVILHOSA,



O Nº1 É O HOTEL BERRO D'ÁGUA.



- Completa estrutura para convenções
- 4 salões nobres, 8 salas de apoio
- Projeto Proteger (animais silvestres)
- Esportes náuticos e Recanto infantil
- Aldeia de Índios Guaranis

- Atividades com monitores
- Piscinas aquecidas e Salão de jogos
- Futebol society e Vôlei de praia
- Quadras de tênis e poliesportiva
- Ginástica, sauna, hidromassagem



Em AVARÉ-SP | RESERVAS 0800-552577

www.hotelberrodagua.com.br
e-mail: eventos@hotelberrodagua.com.br

Rodovia SP-255, km 268
Represa de Jurumirim

ACHO MELHOR
O SR. DISCUTIR O MEU
CONTRATO COM OS MEUS
EMPRESÁRIOS.





O importante é competir.
Contanto que o São Paulo
seja campeão.

**Pacote Completo
do Brasileirão**

10 x R\$ **27,00**

Preço Promocional
até o dia 28 de março
pela Internet.

**Prepare seu coração. Assine NET
e compre o Brasileirão 2003.**

Assinando NET e comprando o pacote completo do Brasileirão,
você economiza **160 reais** de taxa de adesão. Um desconto imperdível.

Assine agora. Ligue para 0800 726 0800 ou acesse www.net.tv.br

O Sistema Pay-Per-View está disponível para assinantes da NET com decodificador. As vendas do Pay-Per-View e assinatura NET estão sujeitas a análise técnica. A escolha dos jogos que serão transmitidos em Pay-Per-View é definida pela organizadora do evento, portanto a NET não pode ser responsabilizada por alterações ou cancelamentos que venham a ocorrer. O pacote comercializado pela NET refere-se ao turno e retorno do campeonato Brasileiro. Preços válidos até 28 de março, sujeitos a alterações após esta data.

NET

SEMPRE UM BOM PROGRAMA

DIGA ADEUS ÀS LINHAS RETAS.

CHUTEIRA TOPPER ZIRION COM CAMADA TOPPERSTICK E SOLADO CRISTALFLEX.
MUITO MAIS EFEITO NA BOLA.




TOPPER

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ